



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ANA CRISTINA GOMES BATISTA

**MEU ESPAÇO É O ALTO ALEGRE:
PERTENCIMENTO, MEMÓRIAS E ESTIGMA.**

**SUMÉ - PB
2018**

ANA CRISTINA GOMES BATISTA

**MEU ESPAÇO É O ALTO ALEGRE:
PERTENCIMENTO, MEMÓRIAS E ESTIGMA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

**SUMÉ - PB
2018**

B333m Batista, Ana Cristina Gomes.
Meu espaço é o Alto Alegre: Pertencimento, memórias e estigma.
/ Ana Cristina Gomes Batista. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

62 f.

Orientador: Professor Dr. Wallace Gomes Ferreira de Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Etnografia. 2. Memória. 3. Bairro do Alto Alegre – Sumé - PB. I. Título.


CDU: 39(043.1)

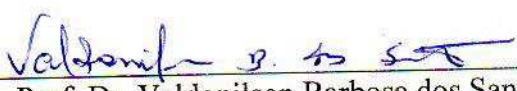
ANA CRISTINA GOMES BATISTA

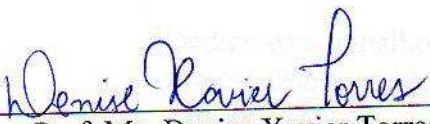
**MEU ESPAÇO É O ALTO ALEGRE:
PERTENCIMENTO, MEMÓRIAS E ESTIGMA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Wallace G. Ferreira de Souza
(Orientadora – UFCG/CDSA/UACIS)


Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
(Examinadora I – UFCG/CDSA/ UACIS)


Prof. Ma. Denise Xavier Torres
(Examinador II – UFCG/CDSA/UACIS)

Trabalho aprovado em: 10 de agosto de 2018.

SUMÉ - PB

Dedico este trabalho a minha vó/mãe que me criou e sempre esteve ao meu lado, para que eu conseguisse chegar até aqui e ir muito mais além, isso foi primordial, seu amor incondicional por mim jamais a esquecerei onde eu chegar e como serei, será a ela toda minha dedicação e o meu eterno obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de saber demonstrar tudo que de fato nos proporciona coisas boas e no mínimo o que posso escrever sobre tudo que passei no decorrer do curso. Começo este a agradecimento a meu querido ex-presidente da república Luís Inácio Lula da Silva que teve a coerência e a destreza de interiorizar as universidades para os mais pobres como eu que pretendia estudar, mais não tinha recursos para cursar em outras instituições fora, a ele todo meu reconhecimento e meu muito obrigado, como também, lembra de todos aqueles que realmente estiveram ao meu lado.

A minha mãe-vó que não pode estar presente fisicamente neste momento tão importante de minha vida, pois no decorrer deste curso ela foi fundamental como em toda minha vida, ficou inúmeras vezes com meu filho para que eu estudasse já com seus 95 anos de idade, não media esforços, eu te amo incondicionalmente. Aos meus primos que me ajudaram muito, Filipe Emanuel e Ítalo Rafael dando ênfase a tudo que eu queria fazer para tudo que eu participasse orientando fazendo tarefas com meu filho, enfim a várias pessoas que de modo particular estiveram me apoiando nestes cinco anos aqui no CDSA.

Agradecer a minha mãe biológica por tudo que ela fez mesmo sendo mãe solteira e tendo sido criada por minha avó, o meu muito obrigada por ter me inserido na escola. Agradecer a todo corpo docente do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA/UFCG nas pessoas de Nadege, Marciano, Rozenval, Júnia, Luciana, Katia Carine, José Maria, Valdonilson Barbosa, Aparecida, Denise Coutinho, Paulo Diniz, Sheylla Galvão, Idelsuíte, Carol Medeiros, Isaac Alexandre, Irelânio, Sônia Lira, Vinícius Ramos, Walberto Barbosa, Kelly Cristina e a Vilma Soares nossa querida e estimada por toda a turma 2013.1 o meu muito obrigado por todas as contribuições de cada um de vocês, também não esquecendo de forma alguma a equipe da zela nas pessoas de Sueli Bernardo, Ruth Quaresma, Samuel e nosso querido João Batista que suportou todo o nosso aperreio diário.

Aos que contribuíram com a minha pesquisa tornando ela mais densa e ao mesmo tempo de fácil compreensão ao leitor que me proporcionaram momentos fascinantes para condução da pesquisa.

Agradecer incondicionalmente a minha querida alfabetizadora a senhora auxiliadora ramos pelas primeiras linhas escritas e palavras formadas. Aos meus colegas do curso de ciências sociais a Roni, Augusto, Eduardo, Anessa Milena, Samara, Italo Raniele e Ana Jacqueline, Sandra Rosendo, Mirtes Herondina, Rayane, Maria Cardoso, Tatiane, Denis, Fatima, Katiucia. Aos meus grupos de pesquisa e extensão NEPEC e a BOTIJA É NOSSA na

pessoa de Rosana Medeiros obrigado por todas as contribuições significativas do grupo para minha graduação.

Ao meu querido estimado professor orientador Wallace Gomes Ferreira de Souza palavras não descreve tudo que ele enxergou em mim, uma forma de como podemos levantar auto estima dos moradores de um bairro periférico vendo nos moradores uma grande rede de afetuosidade da pessoa humana.

Enfim aquele que sempre esteve ao meu lado me apoiando, segurando toda a barra mas sempre disse vá e estude eu me viro meu companheiro Alexsandro o meu muito obrigado e ao meu filho Paulo que várias noites dormi na cadeira para que eu não ficasse sozinha digitando meu Trabalho é pra eles e por eles que irei lutar sempre por um mundo mais justo igualitário.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Família do Sr. Alexandrino (Barata) e D. Albertina (Filha de Pai Leó).....	20
Foto 02 – Componentes do Bloco Sumé Samba.....	24
Foto 03 – Componentes do Bloco Alto Alegre Samba.....	24
Foto 04 – Bloco de Ana Pateca.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Perímetro urbano do Município de Sumé.....	16
Figura 02 – Perímetro territorial do bairro Alto Alegre.....	17
Figura 03 – Croqui do Bairro Alto Alegre.....	18
Figura 04 – Fachada da Escola Municipal do bairro Alto Alegre....	45
Figura 05 – Escola Municipal Desembargador Feitosa Ventura.....	50
Figura 06 – Vila Zé Dário/Alto Alegre.....	52

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada no bairro Alto Alegre no município de Sumé no Cariri Paraibano. A pesquisa visou destacar histórias/memórias do Alto Alegre, bem como, o processo de estigmatização dos seus moradores, fator de exclusão social do povo negro no município de Sumé. Apontamos a importância da pesquisa para mostrar a cada pessoa que mora no Bairro o quanto temos boas lembranças de nossos antepassados, ou seja, visibilizar as histórias esquecidas, fruto dos processos sociais de exclusão e como também mostrar de onde pertencemos. A metodologia utilizada para este trabalho foi a etnografia a partir da observação participante. As categorias de análise que trabalhamos foram a memória, identidade/pertencimento e estigma. As memórias de cada pessoa idosa como também de meia idade, moradores do Bairro do Alto Alegre são nosso material de trabalho. Mexer com essas memórias tornou-se um desafio político pois o enfrentamento ao racismo e a produção dos estigmas que segregam e excluem cotidianamente deve ser percebida pelas Ciências Sociais como um objeto relevante.

PALAVRAS-CHAVE: Alto Alegre. Cariri Paraibano. População Negra. Estigma

BATISTA, Ana Cristina Gomes. **My piece is the Alto Alegre**: belonging, memories and stigma. TCC (Monograph). Academic Unit of Social Sciences - UACiS / CDSA / UFCG, 2018.

ABSTRACT

The present research was carried out in the Alto Alegre neighborhood in the municipality of Sumé in Cariri Paraibano. The research aims to highlight the history / memory of Alto Alegre, as well as the process of stigmatization of its residents, a factor of social exclusion of black people in the municipality of Sumé. We point out the importance of research to show each person who lives in the neighborhood how much we have good memories of our ancestors, that is, to make visible the forgotten stories, the fruit of the social processes of exclusion and also to show where we belong. The methodology used for this study was ethnography based on participant observation. The categories of analysis we worked on were the memory, identity / belonging and stigma. The memories of each elderly person as well as of middle age, residents of the district of Alto Alegre are our material of work. To move with these memories has become a political challenge because the confrontation with racism and the production of the stigmas that segregate and exclude everyday must be perceived by the Social Sciences as a relevant object.

Keywords: High Joyful. Cariri Paraibano. Black Population. Stigma

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	O campo etnográfico e meu interesse na pesquisa.....	12
2	UMA ETNOCARTOGRAFIA DO PASSADO.....	14
2.1	Os passos que dei e os caminhos por onde andei.....	14
2.2	Histórias de um território.....	15
2.3	O meu pedaço.....	18
2.4	Sou da lengada: batuque, ritmos e sociabilidade.....	23
3	PENSANDO AS CATEGORIAS: IDENTIDADE, MEMÓRIA E ESTIGMA.....	30
3.1	Passos, compassos e itinerários teóricos: memória e identidade como amplificador do olhar.....	30
3.2	Memória, pertencimento e o olhar da etnógrafa.....	34
3.3	Estigma e a manipulação da identidade deteriorada.....	37
4	O ALTO DOS NEGROS É UM ALTO ALEGRE.....	40
4.1	O olhar dos de fora.....	44
4.2	Lugares de enfrentamento dos estigmas e promotores da alegria do Alto.....	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
	REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem a intenção de mostrar como a história dessas famílias foram e são silenciadas, e só são evidenciadas com seu fúnebre, pois é a partir deste momento em que elas são lembradas por terem feito algo de ajuda a algumas famílias mais abastada da sociedade sumense. Assim nós colocamos como questão problema para compreender como o silenciamento das memórias da formação do Alto Alegre e a estigmatização dos seus moradores são estratégias de exclusão social do povo negro no município de Sumé?

A pesquisa desenvolvida para este trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais me traz um objetivo de apresentar os moradores do bairro Alto Alegre, pessoas e elementos em um processo de lembranças, identidades e estigmatização dos que moram neste determinado bairro, e outros lugares da cidade a partir da concepção do negro, as pessoas entrevistadas são do sexo feminino e masculino, Por que escolher este Bairro? Sou moradora dele e conheço bem de perto todas as formas de estigmas com as pessoas negra e baixa renda que nele reside. Portanto, as memórias deles são fatos importantes marcados em suas vidas que nos faz repensar cada passo que foi dado para construção do mesmo.

A baixa escolaridade também é um fator problematizador, tendo em vista que, várias pessoas se deslocaram de Sumé com intuito de melhor sua qualificação, pois não tiveram oportunidade de se qualificar aqui, por falta de estímulo, como também a necessidade de trabalhar para ajudar em casa. Outro fator evidenciado na pesquisa é a condição de baixa escolaridade dos moradores do Alto Alegre.

Há existência também de discursos que afirmam que todos estão sendo inseridos no mercado de trabalho, bem como, tendo acesso aos bens sociais, mas na realidade cotidiana esta inserção não se realiza. Acessibilidade dos moradores do Alto em forma de melhores condições de vida que nos faz pensar como os olhares, são formas que evidencia a estigmatização, entretanto as expectativas para este cenário de estigmatização resulta em sentimento de rejeição e que de forma explícita uma revolta por grupos políticos que de forma desequilibrada tenta favorecer ou gerar de certa forma emprego, mas onde também sabemos que a máquina pública do município é pequena isto desenvolve uma hostilidade a presença dessas pessoas.

Particularmente buscamos visibilizar as narrativas dos moradores, sobre o processo de formação do Bairro, bem como, os estigmas sociais sobre o Bairro e seus moradores. Portanto, as memórias dos sujeitos subalternizados são colocadas em evidencia, aspecto que nos leva a

refletir sobre as relações sociais estabelecidas entre os moradores do Alto Alegre, que é considerado dentro do município como Bairro periférico e seu entorno.

Objetivo de todas as pessoas nunca será a exclusão pois passamos por um processo denso de rejeição na sociedade em outros tempos destacar essa relação conflituosa é sofreremos sem magoar a elite, pois inseridos neste sistema social da história do país e particularmente do nosso município, esta pesquisa e suas formas em que se deu seu processo de crescimento junto com a cidade sendo utilizadas várias estratégias para com essa população.

1.1 O campo etnográfico e meu interesse de pesquisa

O cenário da experiência etnográfica é o Bairro do Alto Alegre, no município de Sumé, localizado no Cariri paraibano, atualmente esse Bairro possui 2.980 habitantes, sendo em sua maioria composto por negros, segundo os dados do censo (2010). Os equipamentos sociais localizados no Bairro são: uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, um posto de saúde básica, um centro de referência e assistência social (CRAS), filarmônica municipal, e um prédio do município, onde funciona alguns projetos sociais promovidos pela prefeitura, voltados para crianças em estado de vulnerabilidade social, como por exemplo, o Criança Feliz e o projeto Mônica. Neste mesmo prédio funciona o Programa do Governo Federal Bolsa Família, além desses equipamentos, estão situados no Bairro o Fórum, o Ministério público e a Central de velório Municipal. Mesmo o Bairro tendo estes equipamentos sociais a sua população sofre com a insuficiência ao acesso a saúde, falta de geração emprego e renda, alto índice de violência, tráfico de drogas, isto reflete no índice do IDH de nossa cidade que tem uma estimativa de 0.627 censo (2010). Este processo nos leva a uma experiência enquanto graduanda do curso de ciências sociais, no decorrer do curso houve contatos com a comunidade e isso originou memórias de narrativas no local, o interesse dessa pesquisa foi a participação dos moradores do alto alegre na sociedade e como eles se vê, considerando que é uma prática entre algumas pessoas este tipo de pesquisa é muito importante ressaltar que as experiências sejam oportunas tanto para o pesquisador quanto para o grupo pesquisado pois assim percorremos velhos e novos caminhos descobrindo raízes, valores e originalidade e ancestralidade.

O local de fato sistematiza um lugar calmo, pacato, criminalizações mas nos direciona um lugar dotado de pessoas que viveu e vive com habilidades manuais seus traços culturais e suas memórias de crenças e costume do povo nordestino vale salientar que todas narrativas que

serão elencas são de pessoas idosas e outras de meia idade que nos desprende de como podemos voltar no passado através do seu leque de lembranças das relações entre o povo da rua grande como algumas narrativas que dirão e sua relação parental de pessoas advindas de sudaneses no norte da África que fizeram parte do contexto narrativo de um povo humilde de grandes saberes a construção de identidade e pertencimento de memórias e representações de fatos e de sistema de perpetuação em sua localidade.

1.2 Estrutura do texto

A monografia se compõe do texto introdutório onde oferecemos ao leitor os elementos que estruturam a questão de pesquisa, elemento fundamental e que constrói a atmosfera para apresentação do campo empírico e posteriormente o percurso metodológico e o aporte teórico que ancora a abordagem acerca do objeto. A sessão 2 faz uma etnocartografia do passado com as histórias dos moradores do bairro Alto Alegre elencando várias observações no seu crescimento e a seção 3 aborda a cerca de todas as formas de cultura dando ênfase aos batuques os ritmos e sociabilidade entre sociedade central e os periféricos. realiza um itinerário problematizando as categorias: memória, identidade/pertencimento e estigma, tendo como cenário etnográfico a vida dos moradores do Alto Alegre. A sessão 3 realiza um itinerário problematizando as categorias: memória, identidade/pertencimento e estigma, tendo como cenário etnográfico a vida dos moradores do Alto Alegre. A sessão 4 consideramos em que é abordado a questão dos negros como um processo de racismo e ao mesmo tempo cordialidade dando ênfase um recorte ao olhar dos de fora do bairro relata se os lugares de enfrentamento dos estigmas e que fazem o alto ser alegre.

2 UMA ETNOCARTOGRAFIA DO PASSADO

2.1 Os passos que dei e os caminhos por onde andei

Segundo Silva,

[...] a observação participante, definida principalmente pelo antropólogo Bronislaw Malinowski como convivência íntima e prolongada do pesquisador com seus “informantes nativos”, ao refutar a antropologia do gabinete, permitiu o estabelecimento de um determinado tipo de relação na qual a antropologia se coloca como um instrumento de pesquisa, propiciando o antropólogo a perspectiva intersticial (o olhar desde dentro) que é sua ferramenta básica, sua marca registrada, desde então (2006, p.13).

A escolha de um objeto para pesquisa precisa levar em consideração a possibilidade de convivência ao longo do percurso do trabalho, o tempo de permanência no campo vai tornando sua pesquisa densa. As dimensões em que as etnografias são produzidas nos leva a ter um conhecimento total, isto vai se consolidando a longo da experiência de campo. Um exemplo à identificação que o bairro tem fronteiras invisíveis que só a experiência etnográfica possibilita dar-nos conta e distingue suas nuances e os sujeitos que participam desse espaço. Como Malinowski (1978) a convivência com o objeto pesquisado permite uma relação desde dentro, um olhar atento aos valores, sentimentos e principalmente o que elas dizem e o que fazem precisamos ter muito cuidado nas observações.

A principal justificativa para a escolha dessa pesquisa etnográfica em minha comunidade foi fazer observação participante, tendo em vista o fato de pertencer a esta comunidade e ter uma longa convivência nesse campo, e que as questões levantadas aqui sejam relevantes para as Ciências Sociais. Assim, como destaca Magnani “[...] pertencer ao pedaço significa também poder ser reconhecido em qualquer circunstância que implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que até mesmo os bandidos da vila, de alguma forma, acatam [...]” (1984, p.139), portanto, a pesquisa foi sendo construída nesta tensão de estranhar o familiar e familiarizar-se com o que me é estranho, ou seja, que esta fora do meu círculo de significados.

A parti da minha convivência com os moradores do Alto Alegre, fui primeiro saber se eles queriam ser entrevistado e para qual era a finalidade, esta que era meu trabalho de conclusão de curso. Fui várias vezes para alguns, pois sempre encontrei algo que precisava saber sobre suas memórias ou que precisava pra complementar o trabalho, mas vale lembra que não definimos algo de forma rígida, pois realmente a delimita da pesquisa vai sendo construída

na prática de campo, pois lá indagamos, perguntamos e ficamos mais curiosos pelas histórias e assim o sentimento de queremos sempre mais do que nos é passado, ou seja, a curiosidade da pesquisadora é aguçada. Evidenciar esses aspectos é demonstrar que o caminho da experiência etnográfica é sinuosa mas é determinante no que diz respeito a pesquisa de campo.

A experiência no Bairro Alto Alegre com o meu olhar é muito peculiar, ao observar como poderia realizar esta pesquisa, e como daria seu início, desde o primeiro contato com ambiente extremamente familiar, fiz uma observação bem participante, como estar no meio deles e viver todos os seus sentimentos, desde a primeira vez em que marquei com a primeira observação levando sempre meu caderno de campo para que nele fosse sendo observado e anotado tudo que estava ao meu alcance para que isso fosse compreendido em toda sua essência.

2.2 Histórias de um território

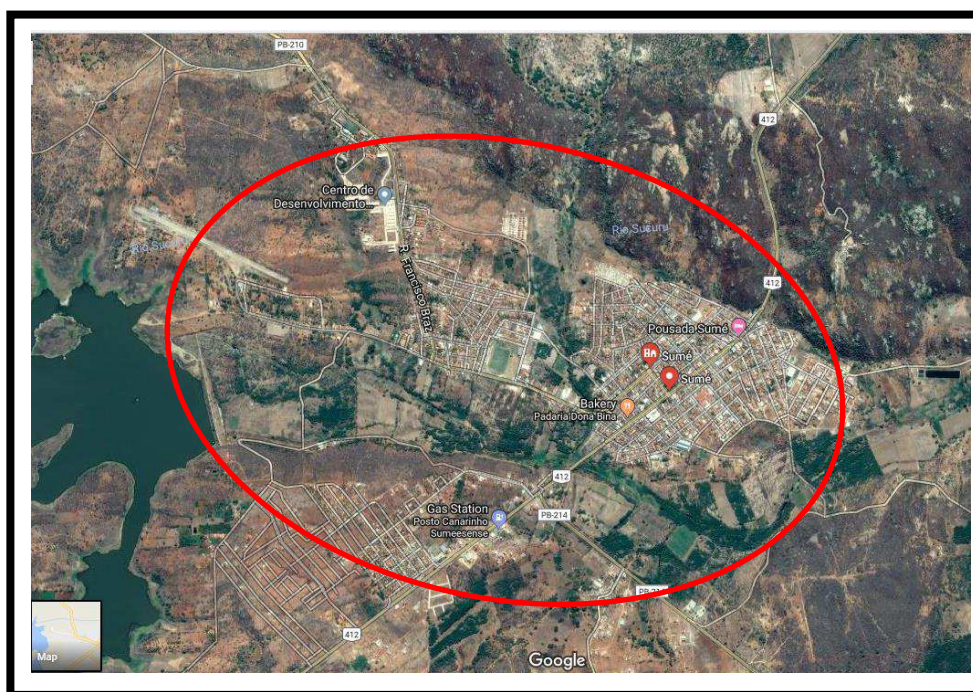
A região denominada atualmente como cariri no sertão nordestino, tem esse nome graças aos índios Quiriri. Esses índios também são conhecidos como tapuias, nome dado aos povos nômades que geralmente não tinham ligações com as ramificações linguísticas dos tupis. A principal ramificação linguística do sertão nordestino, foi a Cariri. As tribos dessa ramificação linguística habitavam as margens do Rio São Francisco e viviam em processos migratórios que incluíam a atual região do Cariri paraibano, o sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte e o Cariri cearense. Muitas das tribos cariris foram exterminadas durante as conquistas dos sertões, dessa forma levando diversas tribos cariris a migrar para regiões montanhosas para enxergar a chegada do inimigo português. Após a conquista do Cariri paraibano, seguindo as margens do rio Piranhas (PB) e do rio Jaguaribe (CE), foram encontrados novos locais onde viviam índios cariris. Assim, essa região passou a ser chamada primordialmente de Cariris Velhos em diferenciação aos Cariris Novos do Ceará.

O Cariri paraibano compreende uma das microrregiões da mesorregião da Borborema, e subdivide-se em Cariri Oriental e Ocidental. A microrregião do **Cariri Oriental** divide-se em doze municípios: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riacho de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri, São João do Cariri. Já a microrregião do **Cariri Ocidental** divide-se em dezessete municípios: Amparo, Assunção, Camalaú, Congo, Coxixola, Livramento, Monteiro, Ouro Velho, Parari, São Sebastião do Umbuzeiro, Serra Branca, Sumé, Prata, São João do Tigre, São José dos Cordeiros, Taperoá e Zabelê.

A população do Cariri-PB foi estimada em 2015 pelo IBGE em 127.274 habitantes. A Região tem um clima tipicamente semiárido, caracterizado pela baixa ocorrência de chuvas e por uma quantidade de luz solar superior a 2 mil e 800 horas anuais.

O Município de Sumé está localizado no cariri ocidental paraibano, possuindo uma área territorial de 838,071 km² e cerca de 16.957 habitantes (IBGE, 2010) perfazendo uma densidade demográfica de 19,16 habitantes por quilômetros quadrado. Tendo em seu núcleo urbano, um alto crescimento populacional a partir da sua emancipação política, em 1951. Ao longo dos seus sessenta e seis anos os bairros que compõem o núcleo urbano foram sendo formados, são eles: Alto Alegre, Alto dos Jorge, Várzea Redonda, Carro Quebrado, Frei Damião, Conjunto Sebastião Vitorino, Pedro Ferreira Filho, Mandacaru de Cima, Mandacaru de Baixo, Renascer, Alto da Caixa-D'água, Pedregal.

Figura 01 – Perímetro urbano do Município de Sumé



Fonte: <https://www.google.com/maps>.

A história do Município de Sumé está diretamente relacionada a história da ocupação do interior da Paraíba guardando relações com o processo de expulsão dos povos originários da região do seminário, aspecto que nos apresenta o conflito entre os sujeitos colonizados e os povos nativos, e sobre estes últimos a produção de estigmas e o silenciamento de suas memórias. Contudo, a antiga Vila de São Tomé em 1951 ano de sua emancipação política

passou a se chamar Sumé nome que tem origem indígena que significa, aquele que pratica o bem e ensina a cultivar a terra, um solo rico e fértil como o nosso, informações registradas no livro a saga da construção do açude de Sumé, o que nos é pertinente uma fala sobre esta disputa por uma pequena terra de consonância. A história da emancipação política de Sumé estava apenas começando quando José Américo ganhou o governo, fez o que prometeu, logo em seguida houve eleições nosso primeiro prefeito José Farias Braga, mais precisamente em 1952.

[...] assim a disputa política entre José Américo de Almeida e Argemiro Figueiredo, abre uma dissidência na UDN, que acaba favorecendo, de imediato a independência política da Vila São Tomé e, mais tarde o nosso açude público, que para todo sumeense é considerado a chave para nosso desenvolvimento econômico. (SEBASTIÃO FILHO, 2017, p.13-14.).

No cenário de emancipação anteriormente tratado, houve um crescimento urbano no qual o bairro do Alto Alegre, contexto de nossa pesquisa etnográfica, está inserido. A estimativa do IBGE (2010) é que de uma população total de 2.980 pessoas, 1.445 homens e 1.535 mulheres e na sua grande maioria de negros e pardos residentes no bairro.

Figura 02 – Perímetro territorial do Bairro Alto Alegre



Fonte: <https://www.google.com/maps>.

Figura 03 – Croqui do Bairro Alto Alegre



Fonte: PSF 1 – Nilo Feitosa/ Alto Alegre (Área 3)

2.3 O meu pedaço

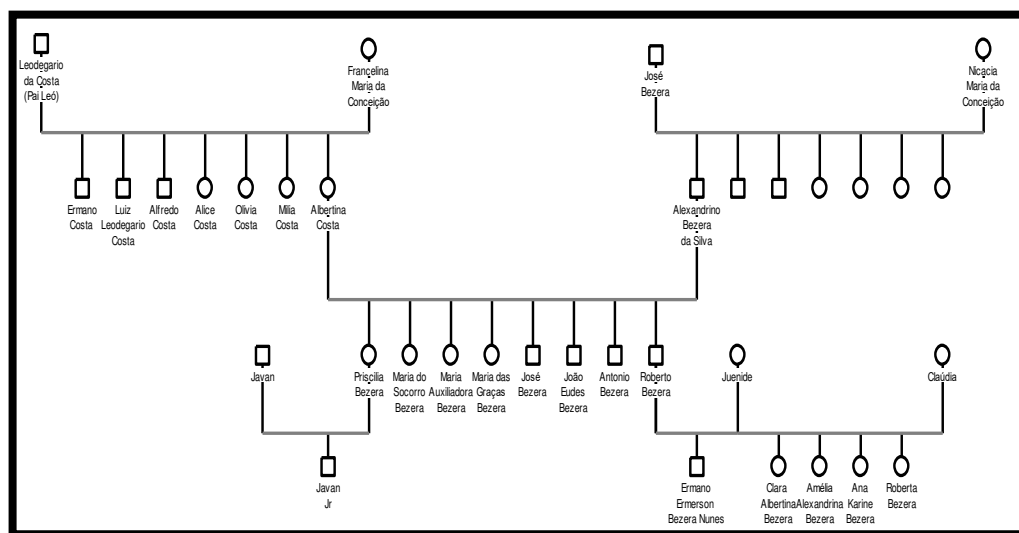
Cada bairro é, então, particular e único. O bairro como lugar é o que faz caber em seu limite, um modo de ser no mundo, uma vivência imediata – o cotidiano – e um ordenamento simbólico específico que diz dele e dos que aí estão e vivem, portanto, um espaço cultural específico (GUSMÃO, 2005, p.125).

A memória destas pessoas demonstra fatos passados e presentes que nos leva a uma percepção sobre a subjetividade da população negra moradora do Alto Alegre. A vida dessas pessoas são grandes fontes de sabedoria e resistência ao processo de exclusão. Tais história/memórias trazem à tona relatos de racismo e estigma vivenciados por estas pessoas que se materializa na convivência cotidiana com as piadas e tantos outros comentários sobre a população do Alto Alegre, bairro que em seu mito de origem tem fortes ligações com a África. Esta ligação com a África é evidenciada por uma de nossas informantes que em seu relato nos apresenta a história/memória apontado que seus avós seria um negro sudanês¹ que teria vindo

¹ Os povos que ocupam a costa da África Ocidental, especialmente o Golfo do Benin, não tiveram contato direto com os povos ao norte do Saara, nem se converteram significativamente ao islamismo até o século XX. Por estarem na África Ocidental, porém, foram genericamente chamados de “sudanese”

fugido de Pernambuco inicialmente vindo para o atual Município do Congo e depois teria vindo morar ao pé da serra, mas precisamente perto do rio chamado Boqueirão, mas que ao longo de seu percurso é conhecido como rio Pedra Comprida que corta a cidade de Sumé.

Diagrama 01 – Rede de parentesco dos descendentes de Pai Leó



Um dos netos de Pai Leó relata:

Ele veio do Congo ser padeiro de Zé Lucas, e os caras descobriram e vieram atirar nele no Congo, veio pra Sumé 1919, ele é papai Leó e mamãe Francelina Maria da Conceição, aí vieram pra aqui, se erradicaram aqui não tinha quase casa, essa casa pai (Sr. Barata) construiu em 1936, os terrenos eram todos de Frutuoso, do outro lado era patrimônio, da frente do fórum, pai comprou a frente e atrás, pai comprou o terreno em 1935, fez a 1936 e casou em 1937, naquele tempo era organizado, (dito popular) “quem casa quer casa” (risos). Todos nós nascemos aqui, todos. Era como um armazém, nós fizemos uma reforma (Roberto de Barata, Neto de Pai Leó).

por pioneiros dos estudos afro-brasileiros, como Nina Rodrigues e Arthur Ramos, nomenclatura esta que se difunde largamente nos livros didáticos. Assim, quando se fala em “sudanese” no Brasil, na verdade trata-se de povos com estreitas relações culturais e comerciais entre si, que habitam há séculos a região do Golfo do Benin compreendida entre o Rio Mono, a oeste, a região de Borgu, ao Norte e o delta do rio Níger, a leste: Yoruba, Aja (compreendendo os sub-grupos Fon, Ewe e Gun), Edo (ou Bini). Disponível em: <http://negritudebaiana.blogspot.com/2012/11/a-africa-no-brasil-os-sudanese-do.html>. Ver também: D'AMORIM, 1996; HALL, 2017; DEL PRIORE, 2004.

Foto 01 – Família do Sr. Alexandrino (Barata) D. Albertina (Filha de Pai Leó)



Foto: Cedida por Roberto de Barata

Os fragmento de memória familiar trazido a cena por nosso informante (Roberto de Barata) também diz respeito a história de formação do Alto Alegre, e nestes termos, é fundamental ressaltarmos a fala Bosi (1994), sobre tudo sua reflexão acerca da lembrança como momento para desenvolvermos uma mediação de aprendizagens, necessárias para com os velhos, bem como, a valorização e a colaboração por meio de suas memórias e suas narrativas a cada uma descoberta expressa em seu rosto uma satisfação de realizar esta pesquisa que mostra seu passado e sua visão no presente onde os mesmo foram estigmatizados mesmo sem ter este pensamento em suas falas podemos compreender a inocência de um povo. Os depoimentos de D.Pebinha veem demonstrar o desprendimento e a disponibilidade em ajudar o outro, bem como, evidencia os fluxos internos dos sujeitos negros, saindo de uma região mais central (Praça Adolfo Mayer) para morar no Campo da Serra considerado periférico, que depois será chamado de Alto Alegre.

95 anos, nascida aqui em Sumé, mais precisamente na rua da Praça Adolfo Mayer, antiga praça velha, Pebinha (Narciza) ”. Chegamos aqui (Alto), eu nasci lá em baixo na cidade (muito riso dela) na praça véia, a casa da gente era ali. Quando pai resolveu vim morar aqui, a casa da gente era lá pra lá, tinha sete casas, era sete com a de pai. ”. Eu perguntando “E os outros moradores, quem eram? ”. Ela “Será que eu vou me lembrar? Quando não tem precisão eu mim lembro[...] (Dona Pebinha,95 anos).

Para Bérqson (1999) a memória consiste em mostrar o passado que se conserva inteiro e independente do espírito e de seu modo de existência, é um modo inconsciente, pois o papel da consciência presente e imediata e ativa é deliberar.

[...] eu ia comprar as coisas lá (*silencio, como se estivesse pensando*, em uma mercearia de Seu Bitú de Zóia, eu ia comprar sabão, aí Dona Carminha costurava e bordava, mandava eu ir comprar o que ela queria, eu dizia ‘eu vou me lembrar disso tudim?’, ela colocava como era a linha, aí eu saía com o tamanco e chinela tengo, tengo, tengo, eita chama Pebinha aí que ela vai passando, manda ela comprar pão ‘Pebinha vai lá pra baixo?’, manda ela comprar sabão, eu me lembrava de tudim que elas me pedia, eu pensava ‘tinha coisa aqui que Dona Carminha esqueceu de botar’, deixa o sabão na casa de um, o pão na casa de outro [...] (Dona Pebinha, 95 anos).

Nesta narrativa evidenciamos a cordialidade disfarçada de uma amizade em que a diferença entre ser criança pobre e negra é pensarmos e problematizarmos a presença do discurso alheio em que cada vez mais afirma a relação de uma sociedade com seu contexto de discriminação, mas que também possamos compreender a relação em que a entrevistada convivia nessa condição de amiga querida mas que ao mesmo tempo não tinha o pensamento em que encarava ser discriminatório a forma era uma desigualdade social aos seus olhos. As pessoas do Alto Alegre eram sempre vistas e colocadas em lugares subalternizados, pela falta de oportunidade, terminando sendo incorporados em subempregos. E assim a periferia termina por funcionar como reserva de mão de obra.

Goffman (1988) em seus amplos estudos fala sobre o sujeito excluídos da sociedade, explica que são estigmas são marcas sociais construídas historicamente para a sujeição de indivíduos considerados fora do padrão de normalidades, definido o conceito de estigma de como “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p.07) e essas reflexões têm um grande respaldo que seria também a oportunidades de trabalho precárias mais que para eles eram bem compensadoras pois o fator de ser negra não lhe acometia uma situação mais viável este fato possibilita uma revelação de como eram tratados os indivíduos por volta 1932.

[...]. Não namorei com homem de ninguém, a vida era assim, dançar, sorri, cantar, só andava cantando parecia uma doida, cabelo assanhado, era assim, gostava de todo mundo e todo mundo gostava de mim. Quando queria um recado chama Pebinha, num instante ela vai e vem, eu era o correio de Sumé. Todo sábado e toda sexta esse pessoal da rua criava galinha no muro, grande chiqueiro, aí dizia ‘diga a Dona Preta que mande Pebinha pra varrer o chiqueiro das galinhas’, varria, apanhava os ovos, depois varria o muro, apanhava, ganhava coisas, dizia ‘leve isso pra Dona Preta’, uma rapadura, um pedacinho de carne, coisa de casa mesmo, tudo era pobre mesmo[...].” (Dona Pebinha, 95 anos).

Halbwachs (2006, p.30-31.) Nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos isto acontece porque jamais estamos sós. Para recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível. Para a concepção de Halbwachs, a nossa memória é algo que em sua coletividade se agrupa em condições de ser erguida, para um condicionamento pois os indivíduos no momento da narrativa não se encontra presente, mas evidenciamos que perpassar um campo transcendental, porque nossas lembranças não se perdem no espaço temos em vista que a memória coletiva é uma Memória extremamente histórica, e isto se conserva pois a mesma jamais poderá ser confundida com uma história na qual ressalta Nora (1993, p.28)

[...]. Olha, meu avô dizia assim que minha vó era uma índia pegada a dente de cachorro, braba, caboca, meu avô dizia assim [...] (Dona Pebinha, 95 anos)

Segundo Cavignac (2005) A descrição que as pessoas mantêm sobre uma origem étnica diferenciada é acrescentada por uma impossibilidade de contar a história dos seus antepassados. Assim, quando temos a sorte de encontrar um descendente de “índio” ou de “caboclo” assumido, gravamos sempre a mesma frase.

Para Hughes o que podemos tomar emprestado com proveito é a distinção de principal subordinado em nossa sociedade como em outras sobrepõem-se a todos os outros e tem certa prioridade raça é um deles, o pertencimento à raça negra, tal como socialmente definida irá sobrepujar a maior parte das outras considerações na maioria das outras situações (HOWARD, 2008).

Febrone – ‘O menino da vila’, “o nome do meu pai é Manuel Elias de Melo, eu nasci no Angico Torto, natural daqui, 1936, em 5 de abril, “Como era a estrutura? ”, e ele “Era palma, mato, nós armava “quixó” pra pegar preá. O cabaré era ali, casinhas de taipa, da vila pra baixo um eu saltava a cerca aí, com medo da polícia que eu tenho muito medo da polícia. Meu fraco é o Alto Alegre, não saiu, até o cemitério é aqui no Alto Alegre, minha alma tem que ficar aqui, brincando, sendo feliz, 81 não tenho nenhum intrigado, nunca dei uma tapa, nunca levei, sou da “lengada”, sou adorado, se eu disser a você faz até raiva, um chama pra aqui, outro pra aculá, um puxa na camisa, outro no braço. Meu fã é o Altinho aqui só fiz o bem, o mal que saia pra lá”.

A narrativa evidencia a sua valorização pelo Bairro a qual pertence, isto nos faz repensar a forma em que vemos as pessoas no seu lugar de origem, e nos faz várias indagações uma delas é porque temos um olhar tão distorcidos para os moradores periféricos, sua autovalorização torna-se muito importante para nossa cultura do nosso Bairro, pois o mesmo reconstrói toda uma vida em segundo, fazendo você viver aquele momento de pertença a seu lugar.

2.4 Sou da Lengada: batuque, ritmos e sociabilidade

Como Entendermos o batuque o ritmo e a sociabilidade através da convivência no Alto Alegre, esse batuque que a flora na questão ética racial fundamentada isto é compreendido com um ritmo de som que no século XIX fazia as pessoas tanto de perto como de longe sentir-se algo que era de sua essência no Alto Alegre este batuque se dá através de várias formas de manifestações que são compreendidos entre o batuque o ritmo que está no nosso sangue através das várias formas que são elencadas como nosso coco de roda, nossa quadrilha a batucada onde houve várias nomes do mesmo grupo, a capoeira nação regional e os antigos carnavais com vários blocos. Este espaço de sociabilidade representado pelos batuques.

Foto 02 – Componentes do Bloco Sumé Samba



Fonte: Foto cedida por um dos integrantes do grupo

Foto 03 – Componentes do Bloco Alto Alegre Samba



Segundo Souza (2005) A lei provincial de maio de 1836, proibindo o ajuntamento de escravos para danças e cantorias havia ali a tensão e atesta o confronto entre o sujeito (o negro: os sujeitos e brancos mais os primeiros sujeitados naquela circunstância e sua historicidade é sempre sob a ótica procustiana de um outro que nos nomeia e nos reduz.

Eu sempre comento a última vez que Luiz Gonzaga veio aqui foi no fundo bom, que juntou eu, Danda, Gilvan de Seu Zé Mineu que estudava jornalismo no Rio de Janeiro, irmão de Bi, com muito trabalho deu pra a gente se aproximar de Seu Luiz, ele era muito abusado e ele perguntou “o que vocês querem aqui?” Era a recepção dele, aí Gilvan disse que a gente veio conversar e tal e ele “espero que a conversa seja breve”, depois se adaptou e nós não tínhamos como gravar, um registro daquele nós não tínhamos.

Entrevistado: Passamos a tarde todinha na praça, eu, Gilvan, Robson e Seu Luiz, em um caminhão de Sebastião Vitorino, nós éramos pobres, tinha o pai de Suely que tirava foto, mas nós éramos pobres não tinha como pagar, hoje em dia todo mundo tem um celular, mas a receptividade de Seu Luiz não foi muito boa não (risos), abusado, passamos a tarde todinha conversando com ele (Roberto de Barata).

A pertença dessas pessoas ou nos grupos como vemos em que a memória do indivíduo é um forma de ajuntamento de pessoas negras de uma identidade entre ambos de partilhar a alegria, gritos e danças e até risos é relembrar um sentimento de emoção dos que participavam dos ritmos de batuques e ao mesmo tempo o coco de roda em que a entrevistada se refere foi perdendo ao longo do tempo justamente por conta do estigma da sociedade sumeense pois quem poderia ensinar se não os negros do alto por vezes valorizados mas em sua vez discriminado socialmente pelo seu poder aquisitivo levando assim apenas a sermos meros serviçais.

Segundo Evangelista, Antares (vol.5, jan. /jul.2013) os estigmas assumem um papel central para compreender e refletir sobre como se estruturam essas comunidades e como pode pensar questões em torno de suas identidades a partir dos estereótipos calcados nesses estigmas, apagar seus traços de origem, maquiagem a sua trajetória e depender da bondade dos “de cima”.

[...] o coco de roda, nós começamos brincando, aí tinha Joaquina Preta, Rita Preta, tudo gostava dessas coisas, não existe ninguém aqui familiares delas, éramos apenas amigos, não tem parentes delas. Começamos batendo pé, batendo pé, aí veio uma véia da Bahia, aí juntou-se com Rita e Joaquina Preta, aí dizia ‘vamo pra casa de Esperdião que lá tinha umas meninas danados’, aí começamos com dança de roda, que é dança de roda e não coco, ganhamos tamancos e colocava e saía fazendo zuada para passear lá pelos lados da Várzea, na casa da minha tia, manhecia o dia, era de pé descalço, uma fita ou um pano na cabeça para não sujar o cabelo, tinha um olho d’água aqui na Serra[...] (D.Pebinha.95anos).

Segundo Goffman (1988) a forma em que somos colocados não é de manipulação da tensão gerada, Nos contatos sociais e sim da a manipulação de informações sobre o seu defeito exibi-lo ou ocultá-lo, contá-lo revelo ou escondê-lo, mentir ou não mentir, e em cada caso, para quem, como, quando e onde.

A forma como estas pessoas tinham seus encontros nas festividades assim considerada pela entrevistada, no campo da serra e em outros detímetros traz a luz acerca de que não precisava muito para serem muito feliz bastava a sabedoria de aprender dançar o famoso coco de roda da rua do campo hoje o Alto Alegre, com laços em seus cabelos que ali estava um alegria tremenda, o que era um forma de exibir todo o talento adquirido, elas exibiam que o lhe fora aprendido e ocultava o que a sociedade não gostasse.

Halbwachs (2004, P. 106) explica que: [...] A lembrança conserva os traços do período ao qual se reporta este só foi lembrado, talvez, porque havíamos vislumbrado esses traços, e pensando no tempo em que o acontecimento se realizou.

[...] participei sim, de Antônio, nesse bloco era muito mais meninas, tudo negro, chamava o bloco do negro, mas era tudo bem vestido, tudo ele dizia e a gente fazia, tudo azul e branco, tudo ele inventava, colocar fita no chapéu de palha, tudo cantando, Zé Jacinto era bom demais, subia e descia rua da Igreja, foi quando eu comecei a beber escondido, ele fazia um cachimbo de açúcar que era pra espertar o corpo, mas eu já era espertada (risos) Diz ele, a gente bebia um golezinho pequeno, nós brincávamos o carnaval todinho, quer ver dia de feira era bom, nós roubava banana, laranja(risos)”[...]

A Memória desta narrativa é fundamentada em análise de construção que se dá a parti do que se vai reunindo ao longo do tempo, o mesmo servirá como guia de lembranças que vão se constituindo para futuras gerações que posam estudar ou pesquisar sobre seus batuques ritmos e sua sociabilidade, vale salientar que a cada lembrança coletiva, torna mais evidente sua origem ou seu lugar de pertença. Os ritmos também sempre fizeram e faz parte do nosso Alto Alegre, como já elencado acima, onde se constitui toda nosso ritmo, como fala a entrevistada em que seu pai tocava pífano, ele era descendente de escravos advindo de um sítio chamado sucuru, onde se dá acesso às margens do estado Pernambuco, ela falava que seus ancestrais teriam vindo em navios para o Pernambuco mais que não lembrava tanto, o que vale ressaltar que ele era auto didata, em termos de sanfona harmonia, isto vai passando de pai para filho Júlio preto ícone conhecido em nossa cidade de origem negra que tocava fole de oito Baixo, seu irmão João preto tocava pandeiro, Norberto preto gostava de aboiar e foi o grande marcador e fundador de quadrilha no campo da serra hoje o Alto Alegre todos de uma mesma família.

[...] meu pai tocava pife era pifeiro meu irmão mais velho tocava sanfona harmônica aí passa ou pra Júlio preto ele faleceu muito cedo meu irmão mais

velhos Francisco chamava-se quixabeira porque nasceu debaixo de um pé de quixabeira[...] (Judith Mendonça, 88 anos, in memorim)

Segundo Rafael, (pág.2007,35) a cada ano ao se aproximar o tempo de carnaval era aquela dúvida, será que íamos contratar orquestra, mas os mesmo não teriam dinheiro para contratar só que o povo forte e decidido se divertia nas bebedeiras e batucada, tinha o Sumé samba batuquente em tempos mais recentes eram animados com poucos instrumentos estava pronta a batucada.

[...]Alto Alegre pelos carnavais né? Depois que Chicó descia, Amaro Baião descia, e depois que Zé Pateca descia, ana pateca aí depois subia e não voltava mais, aí depois aconteceu o seguinte, tem Júlio aparecendo, Zé Corisco tocando cavaquinho, fole, tocando instrumento de percussão, isso ia aproximando as pessoas de lá com as pessoas daqui é interessante lembrar que é a Sumé Samba, a que deu origem a Forró Quente, coisa desse tipo, isso veio pela junção dessas pessoas, então veio na década de 80 um grupo chamado Última Hora, era uma 'charanga' do Alto Alegre, tinha Tróia de Luiz de Du, e tinha outros meninos do Alto Alegre, tinha Augustinho de Augusto Romão. Mas aí eu intrometia por aí, e tem uma turma que a gente fez essa charanga e passamos vários anos saindo com essa charanga em cima da camioneta de Seu Antônio do Cal, quando veio essa introdução para colocar ritmo que a gente não tinha, a gente viu a participação de pessoas de lá né? Tróia, Leninho de Norberto, Chagas, o Sumé Samba com Fenando de Darcílio com Gilvan de Luiz de Du[...] (JOSÉ, 58 anos).

Segundo Simmel Georg é possível diferenciar em cada sociedade forma e conteúdo, em geral significa a interação entre os indivíduos, essa surge sempre a partir de determinados impulsos ou de certas finalidades, instintos eróticos interesse conquista com que fazem o ser humano Entre, com os outros em uma relação de convívio de atuação com referência ao outro, com outro e contra ou outro isto quer dizer que sofre efeitos por partes deles. (1858-1918)

Ao lermos está narrativa que evidencia a sociabilidade e diferenças suscita em nós lembranças que ocorreram em uma memória coletiva, e está narrativa tem respaldo nos fatos ocorridos em que também revela valores da sociedade e estigma com os mesmos, que a maioria destas lembranças se referiu a um espaço público, que são ocupados por filhos do Alto Alegre e que tem uma relação direta com as pessoas tidas como da alta sociedade sumeense.

Segundo Rafael, (pág.2007,36) vinham depois o bloco das "capitus" era Ana Pateca com suas meninas, desfilavam fantasiadas, Maria Tranquilino. Morena bonita era um dos destaques.

[...] A finada Sirvina com um forró ali, os coquista daqui era João Preto, Senhorzinho Viana, Sebastião Viana. O carnaval, quando eu comecei a brincar aqui era Chicó, Diva, Ana Pateca, Zé Pateca, Ana Pateca não era daqui era de Campina, quando ela veio de lá... rapaz, aqui no Alto Alegre era bom demais.essa minha cabeça é um gravador, o nome do bloco era 'Sou eu o teu amor', nós tiremo que eu brinquei em Caruaru, brinquei lá um tempo. Pequé, Zé de Madalena, brincavam, aí pedi a Ana pra ela botar o nome muito bonito, o carnaval era bom aqui, ainda brinquei mais, mais Diva, no boi de Diva, depois no de Chicó, mais Seu Paulo, Seu Paulo era bom demais, Raimundo sabiá nasceu lá pra rua, no centro, mas vinha fazer as brincadeiras aqui mais a gente com uma cuica, outro que brincava com a gente era aquele dentista, ele era de fora, Cajarana com um mói de tripa e um pinico, dava cachaça no pinico, era uma cachorrada, era um espeto de tripa daquele tamanho, quando a gente queria uma tira, gostava de pegar o canivete e tirava, farrava sem briga[...](Febrone, 80anos)

Foto 04 - Bloco de Ana Pateca



Fonte: Fotografia cedida por uma das participantes do bloco.

Viver em uma sociedade em que sobretudo o preconceito prevalece não é fácil por um bairro por ser periférico, o Pré conceito para com seus moradores sempre esteve e está presente nos dias de hoje, a importância de ações coletivas para com esse pensamento possam ser desmistificadas e temos como fazer esta ruptura, Através de estudos em que as pessoas não se olhem pela cor da pele ou onde viver mas por seu caráter como ser humano, estabelecer isso é

uma forma de resistência e fazer lembrar que houve grandes reflexões sobre tudo o que foi sofrido durante séculos, o negro discriminado em todos os âmbitos não será apenas uma promulgação de uma lei imposta a 14 anos que irá dizer que não existe o (Pré)conceito mas fazer valer e permitir sua valorização, onde muitos só foram vistos porque sabia de algo em que o branco não fazia ou não sabia fazer mas que possamos olhar estas pessoas de forma igualitária como seres humanos.

[...] Essa questão da valorização do negro se deu a ferro, fórceps, e as pessoas começaram a fazer uma visita ao Alto Alegre para colher informações da parte cultural do Alto Alegre e das pessoas, que começaram a ver o coco, Dona Diva, tantas pessoas que dançavam o coco, mas que também começaram também para tirar proveito, não para valorizar, aí de forma hipócrita diziam “Dona Fulana, Seu Fulano lá do Alto Alegre” como se fosse uma pessoa que só tem significado porque ta servindo “foi ela que me deu”, mas até no tom de voz não era valorizando “minha informação foi de Cristina”, de forma natural, não para dar uma importância superficial, aí eu vejo que foi por essa viés, hipocrisia das pessoas em querer valorizar, dizer que ela tava valorizando alguém, não foi valorizar, foi dizer que estava valorizando[...](José,58 anos)

Segundo Erving Goffman (1988), ele nos fala sobre seus estudos sobre os sujeitos excluídos da sociedade, que explica que os estigmas são marcas sociais construídas historicamente para a sujeição de indivíduos considerados fora do padrão de normalidade, definido o conceito de estigma como: “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena” (p.07).

3 PENSANDO AS CATEGORIAS: MEMÓRIA, IDENTIDADE E ESTIGMA

As seções que compõem o Capítulo realizam um itinerário problematizando as categorias: memória, identidade e estigma, tendo como cenário etnográfico a vida dos moradores do Alto Alegre. Para tanto, é preciso dialogar com os teóricos e com as experiências adquiridas na pesquisa de campo que foi se construindo tendo como princípio o respeito as histórias de vida e o lugar de pertença dos moradores do Alto Alegre. Nessa perspectiva o trabalho desenvolvido irá tratar das memórias dos velhos como fala a autora Eclea Bosi (1994) suas vivências e experiências e suas lembranças não esquecendo também de Halbwacs (2003), que tematiza a identidade como elemento constituinte de um povo, uma nação e o estigma, a partir de Goffman (1988) que define que os estigmatizados possuem duas identidades: a real e a virtual.

3.1 Passos, compassos e itinerários teóricos: memória e identidade como amplificador do olhar

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho (BOSI, 2004, p.55).

Uma das categorias de análise que nos ajudou a refletir sobre os dados etnográficos, foi a categoria memória e particularmente a sua relação com a construção da identidade e do pertencimento, sobretudo, pensar suas origens, visibilizando, portanto, as histórias esquecidas, fruto dos processos sociais de exclusão. Condição experimentada pela população negra ao longo da história brasileira. Cada memória tem suas particularidades, tendo em vista que, a memória tem caráter de grupo e vai dando seguimento a sua transformação ao longo da vida. Uma das chaves, para pensar a memória é há que nos aponta Bosi (1994), a partir das perguntas: por que temos que lutar pelos velhos? Por que nós temos que lutar por eles? Que é ser velho na sociedade capitalista? E neste sentido, trazer as memórias da população negra mais idosa do Alto Alegre, é colocar em cena, histórias de resistências aos processos cotidianos de estigmatização a que população negra tem sido submetida ao longo da experiência social brasileira.

As perguntas propostas por Bosi (1994) nos fazem pensar o que a sociedade atual tem feito com os velhos e suas memórias. As memórias dos velhos é parte constitutiva da identidade de um povo, pois representam experiências vividas/sentidas e compartilhadas ao longo da vida, ou seja, no transcurso do tempo. Contudo, a sociedade contemporânea marcada pela aceleração do tempo e pelo desejo de futuro, tem produzido fragmentações e distanciamentos nas relações que estabelecemos com o outro. Assim, terminamos por sufocar as lembranças/registros contidas nas memórias dos velhos que são uma contínua construção de suas vidas, pois tudo isso são memórias virtudes, percepções, sensações, experiências adquiridas e lembranças vividas.

Neste sentido, é fundamental que apontemos a relevância da memória pois a mesma, como destaca Bosi (1994) “[...] permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência” (p.46-47). A memória por sua vez possui a capacidade de presentificar o passado, assim Bosi (1994) destaca que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (p.53).

A propósito, pensarmos a memória como fonte de pesquisa é lidarmos com uma substância intermitente, as lembranças emergem por intervalos, que se manifesta com intermitências, que não é contínua, tendo interrupções, mas também é uma fonte inesgotável do saber propriamente dito. Le Goff (1990) nos apresenta alguns tipos de problemas relacionados ao conceito, ele nos pergunta: qual é a relação entre história vivida e memorizada e a história científica com base em documentos e como podemos distingui-las? Fazendo uma análise indagamos e vamos tentar distingui a história, pois, a história é uma análise crítica do passado com um laço no presente a história e a memória mesmo que pareçam muito são conceitos diferentes e que cada um é uma fonte para outra.

A memória por sua vez é um conhecimento do passado que bebe de lembranças guiadas pelas lembranças, assim, cada sujeito é uma reconstrução do passado assim memória é um compartilhamento de fatos ocorridos e debates acerca do passado, a lembrança é algo que mesmo que possamos compartilhar com outras pessoas é um fato que cada um viveu. Portanto, a memória consiste em algo sobre alguém ou fato que não vivemos, mas nos identificamos porque é compartilhada e compõem o repertório da experiência social que é sempre coletiva. O importante é sempre sabermos que o resgate de uma memória ou de uma identidade sempre

determina um povo. Que nele contido suas reflexões, e sentidos de vida do qual é imprescindível para uma cultura.

Nesta perspectiva, ressalta Pollak (1992) “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si” (p.204). Segundo Michael Pollak, observamos que há um sentimento intrínseco entre o individual e o coletivo, onde é mais concludente a uma relação subjetiva ao processo contínuo de várias pessoas onde o coletivo vai se reconstruindo ao longo das histórias ditas ou memórias vividas. Um aspecto a ser problematizado também acerca de memória é o que nos propõe Oliveira (2011) quando aponta que devido a um grande leque de insuficiências em torno da memória ao longo do tempo foi se adquirindo e buscando outras formas de como se podia guardar tantas informações e assim foram criadas instituições de memórias. Ele se referia aos arquivos (material ou digitais), biblioteca e museus.

Outra contribuição teórica que problematiza a categoria memória construindo uma conexão com os estudos de identidade é a realizada por Halbwachs (1877;1945), o autor indica que a memória coletiva é o que sustenta a identidade. A memória humana é como um grande campo a ser sistematizado tendo em vista que só pode ter uma capacidade de segurar o que nela está guardado. Por outro lado, para Bérghson (1999) existe dois tipos de memória a pura e a hábito uma automática e a outra independente de como esteja a consciência. A memória pode estar associada ao coletivo e ao mesmo tempo está dissociada ainda conceitua se o reconhecimento de imagens onde são textos informais a partir de figuras linguísticas folclóricas sendo lembradas na memória individual isto vai contribuindo para uma construção da identidade. O que de fato Halbwachs (2006) faz em consonância com Bérghson é a ocorrência que ambos entendem a memória como uma construção coletiva ao longo da vida dos indivíduos, usando assim, o transcendentalismo².

Fazer uma associação entre a memória e a identidade é sabermos como ela vai se perpetuando e baseando-se por vários vieses encontrando e reconstruindo, percepções que são lembradas ao coletivo pois elas se relacionam do qual é um fator identificador dos sujeitos. A memória concerne uma adaptação muito peculiar entre tempo espaço pois temos a real certeza

² Transcendentalismo movimento filosófico do século XIX. Parte da afirmação do transcendental kantiano como única realidade, ao mesmo tempo que expressa uma reação ao racionalismo e uma exaltação ao indivíduo nas relações com a natureza e a sociedade (RATES, 2017).

de que a memória em âmbito coletivo comunga da memória individual. A fenomenologia propõe uma relação partícipe da memória com a identidade, Michael Pollak (1992) já citado entre as referências, fala que isto nos dá uma percepção de quanto nossa memória é constituinte (p.203-204). Segundo Candau (2011) a memória dos indivíduos quanto coletivas a uma construção da identidade e por vários vieses fazem análise e se baseia em uma memória que pode ser lembrada diferente dela ter laços fortes ou fracos.

A memória é uma capacidade que todos sente que tem, inspira o nosso pensamento alimenta tudo o que pensamos é um fator incrível é o que nos alimenta esta memória é o nosso passado, há quem diga a memória não precisa de apoio mas a autora Ecléa Bosi, em seu livro Memórias de velhos nos fala que a memória é itinerante e que os grandes apoio é os velhos pois se não convivemos com eles o que teremos em nossa memória são pedras preciosas no nosso alicerce a eles são acometidos de lembranças prazeres objetos lugares vividos viver algo que nos remete a que pertencemos isto nos dá ênfase a um memória espetacular.

Ao tratarmos sobre memória e identidade nas Ciências Sociais buscamos construir uma argumentação acerca das categorias que hoje pode nos ajudar nessa construção. Outro elemento que contribui para nossas reflexões foram as Narrativas, elencadas, e vem de interpretações daquilo que temos em nossa memória, isto concomitantemente temos dois campos de saber a história oral e antropologia que ao longo desse caminho vamos acordando a subjetividade em que as categorias que se entrelaçam, mas que dão diferente saber em lugares comuns. Pois tanto para Bergson, Halbwachs e Candau eles tem um mesmo conceito de que a memória coletiva bebe da memória individual e ao mesmo tempo não contradiz não se atrapalha onde se pode distinguir. A memória resiste ao tempo por mais que os seus sujeitos sejam velhos como diz a autora Ecléa Bosi em seu livro memórias de velhos, nós precisamos estar juntos a eles adquirindo estes fatores tão relevantes para a construção de uma identidade de um povo. Não quero aqui validar nem descobri fundamentos da memória por que elas próprias são acontecimentos que vai se construindo, pois não há uma metafísica que esclareça o que acontece entre o sujeito e suas lembranças.

Neste ponto da construção textual trataremos de como a memória nos leva a fazermos pesquisas etnográficas. Na seção seguinte faremos considerações sobre etnografia e observação participante para que melhor seja a compreensão do leitor e incluímos análises do problema da ligação entre a identidade social e a memória, elencando os vários usos da entrevista etnografia e com isso nos é peculiar se essas memórias vividas e individuais ou coletivos se indagamos de algumas perguntas como interpreta-lás ou o que fazemos com este material.

3.2 Memória, identidades e o olhar da etnógrafa

A etnografia no seu sentido amplo faz descrições significativas para entendermos o sentido da palavra coletivo, de forma peculiar ela nos entretém em seus estudos a cultura, grupos, costumes e comportamento isto se deu a partir dos séculos XIX e XX onde foram estruturando o método etnográfico, os antropólogos Bronislaw Malinowski e Radcliffe Brown personagens da história da antropologia e defensores da pesquisa de campo, onde através deles foi dado contribuições de cunho metodológico aos estudos de campo.

O sociólogo Emíle Durkheim define como um dos seus objetivos pode ser ligados a antropologia através do funcionalismo que é o principal objetivo das ações da sociedade coletiva e individuais no sentido das causalidades de como funciona e se faz a observação do participante a parti das teorias, com tudo, é compreendida como um organismo relacionado a cada função específicas e quais fatores podem definir a sociedade o mesmo estudo em nível macro os funcionalistas tem uma grande colaboração insuante do trabalho de campo com observação do participante. O funcionalismo é uma teoria que segue o raciocínio das teorias de Durkheim ao falar que a sociedade é um todo e que suas partes estão conectadas, ou seja, são interdependentes. E para explicar esse conceito de função na ciência social Radcliffe-Brown também convém esclarecer que podemos estudar a sociedade como um biólogo estuda os organismos, podemos então fazer essa analogia da vida social e da vida orgânica, sistematizando dados e aplicando teorias semelhantes.

A função na vida social está atrelada a noção de estrutura, no entanto a função trata-se da contribuição que ela faz a vida social total, o papel que cada função desempenha traz contribuições para a sobrevivência do todo, e a estrutura são as relações entre as partes do funcionamento. Dando ênfase a Antropologia Social como o estudo da sociedade humana e se contrapondo com a definição de alguns autores que postulavam ser o estudo da cultura, Radcliffe-Brown, como foi visto, segue teoria a positivista de Durkheim, que a sociologia é um ramo da ciência natural, onde na investigação dos fenômenos sociais seus métodos são semelhantes. Para Radcliffe-Brown seu interesse era o estudo do presente, suas perspectivas eram sincrônicas, pois não precisava estudar a história de cada instituição, sua preocupação era em saber como as instituições sociais, com suas regras, com padrões de comportamento, funcionam e como o mecanismo da estrutura social, ou seja, da rede de relações, existem e tem continuidade.

Essas contribuições teóricas mencionadas têm rebatimento na pesquisa de campo e, portanto, na construção da etnografia como uma metodologia analítica e descritiva que tem sua

prática estruturada a partir da observação dos participantes. Pois seu arcabouço teórico é da antropologia o seu método pois se configura em narrativas de espaços culturais e grupos um caso social ou elementos. Que nos mostra uma pesquisa de análise a ser observadas a etnografia é uma descrição densa e o objetivo é o conhecimento.

Outro contexto é a antropologia Franz Boas (2004), particularmente no seu texto sobre o método comparativo, consistem na sua forma de demonstrar seus resultados, os quais buscam explicar costumes, ideias, ou seja, em recolher dados que possam ser analisados e comparados. As formulações desses dados comparativos seguem a teoria da evolução da humanidade, na qual diz que as pessoas vão passar pelas mesmas coisas, pelos mesmos processos e pelos mesmos estágios, limitando-se a essa linearidade da história da evolução humana. Portanto estudos comparativos utilizam-se da suposição para mostrar que os mesmos fenômenos ocorrem pelas mesmas causas. Dissecar, analisar e buscar semelhanças faz parte desse método e os resultados a serem comparados indicam o progresso, ou seja, mostra o grau da evolução da humanidade.

Enfim, as conclusões de Boas (2004) são que os resultados extraídos desse método, são vários, que revelam que os mesmos fenômenos não ocorrem pelas mesmas causas e que a cultura evolui de forma independente. Boas, se contrapõe ao método comparativo e propõe um novo método para descobrir as leis gerais do universo. Refere-se ao método histórico que consiste na observação do processo histórico particular de uma sociedade, ou seja, o antropólogo vai estudar um fenômeno da cultura de tal local, suas causas, desenvolvimento, efeitos, como e quando ocorre, vai sistematizar esses dados e depois vai investigar o mesmo processo histórico do mesmo fenômeno das sociedades vizinhas, para então concluir suas formulações. Logo, para Boas a investigação do método histórico deixa de lado as suposições e hipóteses segue para o caminho das deduções, o que torna o método mais seguro.

Já Malinowski nos apresenta como um pesquisador deve usar o método etnográfico, o qual se trata de uma pesquisa científica, uma pesquisa de campo. Para que seja consolidado o trabalho etnográfico o pesquisador deve atender há algumas exigências como: para obter condições adequadas na pesquisa, deve viver na tribo durante algum tempo, e de forma cautelosa e sem preconceitos se aproximar dos nativos, sem o intermédio de outros homens brancos, aplicar métodos específicos colher dados e registrá-los.

Essa experiência de viver na tribo permitiria que o pesquisador se familiarizasse com os membros da tribo, embora que no começo seja difícil, mas com o passar do tempo os nativos se acostuariam com sua presença, dando uma abertura para o pesquisador observar os acontecimentos do seu dia adia. Deixando de ser um estranho o antropólogo tenta buscar

informações mais claras e precisas, não podendo assim, descartar nenhum gesto ou ação feita pelos nativos, tudo deve ser captado e compreendido da forma como eles mostram. É de grande importância também que o pesquisador, como forma de organizar os dados coletados utilize quadros sinóticos³ sistematizando as informações o que tornará mais fácil e detalhada a realização da pesquisa.

Para registrar as experiências do olhar do etnógrafo o caderno de campo é um instrumento fundamental além do auxílio de questionários ou documentos, para o registro dos acontecimentos imponderáveis da vida real, como detalhes do cuidado com o corpo, o modo como preparam a comida, sentimentos de ambição, raiva, vaidade, entre outros, não sejam apenas anotados como anotações superficiais, mas que este e os momentos íntimos, sejam compreendidos com toda a sua essência e autenticidade.

Enfim, o antropólogo deve entender a vida dos “nativos” de forma geral, sua rotina, o seu ambiente social e cultural, suas instituições, regras, tradições, sua língua, seus hábitos, seu pensamento, seu agir. Assim o “[...] relatório etnográfico não repousa tanto na capacidade do autor em captar os fatos primitivos em lugares distintos e leva-los para casa como uma máscara ou um entalho, mas no grau em que ele é capaz de esclarecer o que ocorre em tais lugares para reduzir sua perplexidade” (GEERTZ, 2008). Geertz relata o quanto o campo pesquisado ou observado pode ser esclarecido a partir de um olhar antropológico, ele aborda como não se pode deter apenas a fatos ou lugares, mas o quanto pode ser identificado, isto nos faz notar a percepção que o antropólogo tem com o conjunto de significados em cada ação específicas, portanto, fica clara para ele que a observação participante é fundamental em esclarecer as conceptualizações e produzir o texto etnográfico. Geertz (2009) fala sobre um dos objetivos da antropologia o alargamento do universo do discurso humano.

A construção da Antropologia é um fazer cauteloso, instrumentalizado a partir da observação, ou como nos lembra Laplantine (1989): “encontramos no conjunto do campo antropológico um certo número de tensões importantes, opondo a universalidade e as diferenças, a compreensão ‘por dentro’ e a compreensão ‘por fora’, o ponto de vista do mesmo e o ponto de vista do outro [...]” (p.182). Desta forma, partimos do desafio de observar o familiar, a pesquisa e o meu olhar de antropóloga foi erguendo-se buscando problematizar a dar relevo as memórias subalternizadas por relações sociais assimétricas, onde o bairro Alto Alegre

³ Se refere a um esquema que representa de modo gráfico e com palavras a estrutura que um texto utiliza para desenvolver um tema

e seus moradores são inseridos em narrativas e representações marcadas por estigmas, categoria que trataremos adiante.

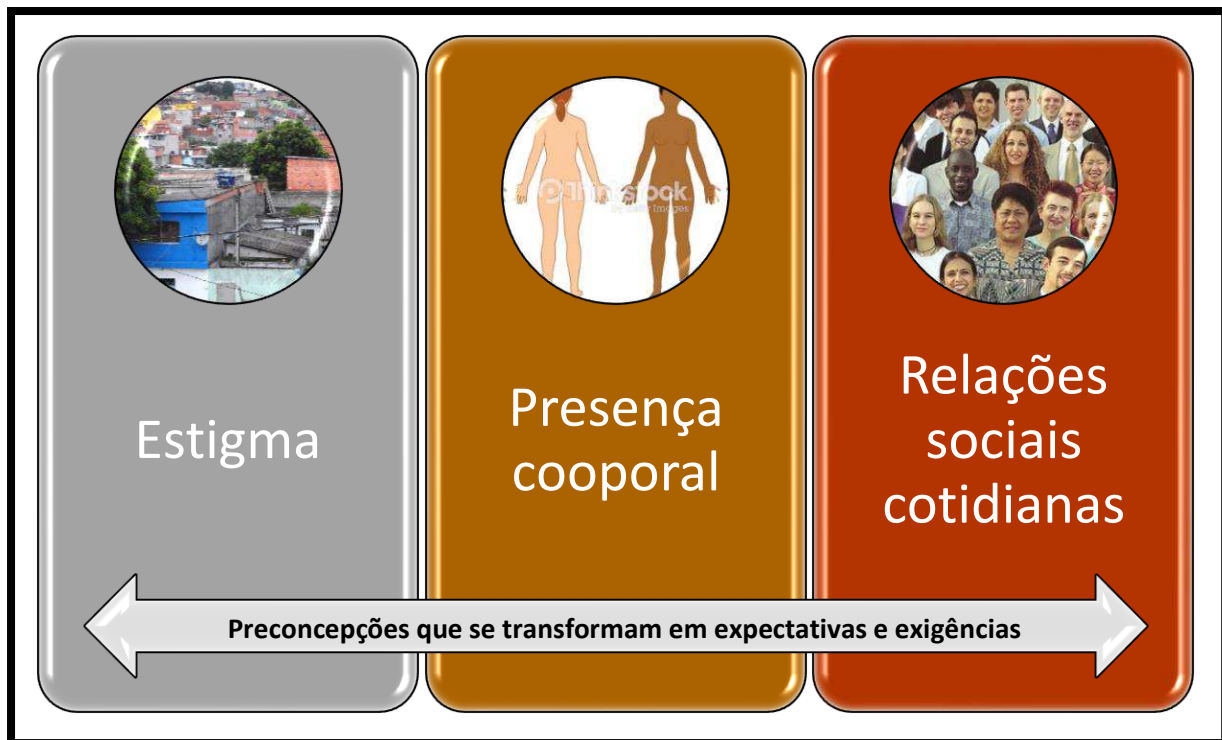
3.3 Estigma e a manipulação da identidade deteriorada

SER negro no Brasil não é fácil. Talvez não seja tão difícil quanto foi antes, mas não é fácil. E não o é porque o negro teve aqui uma história iníqua, que o marcou e nos marca a todos, fez da cor de sua pele um sinal de desigualdade. **Ser Negro** (Ferreira Gullar).

Segundo Goffman (1988) a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns ou naturais. Isto nos permite fazermos uma contextualização de como as relações sociais se dão a parti de formas estabelecidas ou o meio social em que o indivíduo se relacionam. A lógica apresentada por Goffman (1988) é que o conceito de estigma é preenchido por uma presença física/corporal entre os estigmatizados e as pessoas normais⁴ nas relações sociais cotidianas. O autor destaca que as ‘pessoas normais’ estabelecem padrões de comportamentos/atributos aos estranhos que se aproximam do ambiente estabelecido, estas concepções produzidas pelo ‘normais’ transforma-se em expectativas, normativas e exigências que se apresentam sempre que os ‘normais’ entenderem como necessárias ao cumprimento de determinadas exigências, produzidas pelas concepções.

⁴ Termo que Goffman (1988) utiliza para definir aqueles que estigmatizam.

Diagrama 02 – Lógica de reprodução do estigma



O termo estigma, portanto é usado com frequência a “[...] um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade é uma linguagem de relações e não de atributos” (GOFFMAN, 1988, p.6). O estigma é estereótipo que a sociedade como um todo tem o que nos é perceptível três realidades de estigma podemos cita-las é como nos comportamos e com nosso corpo de várias modalidades como as mais conhecidas como distúrbio mental, prisão vícios e homossexualismo mas há também como forma religiosa então todas as pessoas que de forma direta ou indiretamente é considerado estigmatizado pois estamos inseridos nas diversas esferas sociais em que Goffman (1988) relata ser um estigmatizado dessa forma construímos pensamentos discriminatório a explicação para essa teoria é um sentido de sermos inferiorizados a exemplo de várias característica menosprezar a pessoa o outro com apelidos em que seu estado físico .

Goffman (1988) destaca ainda que a pessoa estigmatizada possui dois tipos de identidade, a real e a virtual. A primeira se refere a um conjunto de características/atributos que a pessoa prova ter, a segunda se refere a um conjunto características/atributos que as pessoas assumem em relação ao estranho, ou seja, exigências e atribuições/comportamentos e padrões de caráter feitas pelos normais. Portanto, por esta lógica, uma dada característica por ser um estigma. Ou seja, o estigma é uma forma de designação social que de forma incoerente perpassa

por atributos ao indivíduo levando o indivíduo ao descrédito, tendo isso um jeito com a própria sociedade que leva a uma identidade fragmentada em meio sociedade propriamente dita.

Através desse olhar o estigmatizado se designa inferior e a interação social faz a construção das identidades, marcada entre pessoas normais e estigmatizadas, se dando uma categorização de vidas reais e virtuais e criamos um olhar relacionado ao outro.

Teremos que:

[...] na relação entre as identidades real e virtual, pode-se afirmar que, o processo de estigmatização não ocorre devido à existência do atributo em si, mas, pela relação incongruente entre os atributos e os estereótipos. Os normais criam estereótipos distintos dos atributos de um determinado indivíduo, caracterizando, portanto, o processo de estigmatização (SIQUEIRA, 2011, p.94).

Este olhar que interfere de forma radical e violenta, pois nessa perspectiva criamos argumentos de como somos para o outro e como a apontamos o indivíduo, abominamos a forma de vestir, falar e expressar e tantas outras coisas que ao longo de nossa vida fazemos, essa identidade que carregamos por pertencer a um Bairro periférico. Projetamos exigências nas pessoas que são marcas ao longo da história de cada indivíduo, sendo incorporados em que eles os estigmatizados percebam a diferença. O que não evidenciamos é que isto vai tornando costumes rotineiros padronizados de forma unificada em decorrência de uma estigmatização sendo considerado fora do nosso padrão de realidade ou de nossa normalidade a compreensão que Goffman relata é que a humanidade precisa dessas relações sociais como uma forma de necessidade dos quais são inevitáveis isto tornando uma sociedade mista.

Destacamos a inda que o pensamento que somos normais nos leva a produzirmos estigmas nas pessoas que não fazem parte do nosso ciclo de vida, ou seja, do ambiente estabelecido, partimos de um pressuposto que estamos sendo cordiais apontando e exigindo do outro formas, comportamentos e atributos que são fruto das expectativas criadas pelas concepções. Assim, explica Goffman (1988) estas exigências é uma forma de fazermos o outro acreditar que é menor, ou seja, inferior à sua realidade, esse comportamento estigmatizado perpassa o cotidiano e muitas vezes toma forma de discurso de ódio.

A partir deste contexto de produção de estigmas para com as pessoas do bairro Alto Alegre nos propomos a construir no próximo capítulo uma etnografando trazendo a cenas os processos sociais e ocupação do espaço e as relações de sociabilidade existentes no Alto Alegre.

4 O ALTO DOS NEGROS É UM ALTO ALEGRE

O que me levou a pesquisa etnográfica foram as observações de como as pessoas representam o Bairro Alto Alegre, uma parcela da população de Sumé não quer se quer passar no bairro pois o sentimento presente no imaginário social é que serão assaltados e isto não é verdade. Os moradores do Alto buscam a sobrevivência, narrativa que não está nos livros, nas percepções do olhar dos de fora. O desafio é fazê-los enxergarem as pessoas do Alto sem Pré-conceitos-sem pré noções, pois trata-se de famílias que vivem uma realidade difícil, Portanto a História do Alto Alegre é construída por estas lutas cotidianas, que mesmo com toda dificuldade é um lugar alegre, ou melhor um Alto Alegre. Pesquisadora: Quem deu o nome ao Alto Alegre?

Entrevistado: Na verdade, lembro e tenho certeza, quem primeiro deu esse nome ao Alto Alegre foi Demócrito, filho de Judite Mendonça, quando ele rapazinho novo veio morar aqui em Sumé, veio morar com Tio João Preto que morava ali e tia morava em São Paulo, lá onde ele morava no Ermelino, aí tinha um time que o nome era Alto Alegre, o Alto toda vida existiu aqui mas não era Alto Alegre, aí Demócrito jogava nesse time lá no Bairro Ermelino, chegou aqui e sempre existiu o Alto, por exemplo andávamos na Várzea, aí dizia vou me embora lá pro Alto Alegre, ele dizia Demócrito, e Alto Alegre ficou, mas não foi ninguém daqui de Sumé (do centro) que primeiro deu esse nome, eles pode ter levado pra Câmara, alguém pode ter levado mas só que, quem primeiro falou Alto Alegre foi Demócrito, por conta do time que jogava em São Paulo, que inclusive Inácio de Cinda foi até Presidente desse clube lá, Careca jogou também nesse time lá(Alberto,49 anos).

Esta narrativa nos é pertinente, pois mostra como se deu a origem do nome Alto Alegre, o mesmo era conhecido como campo da Serra, este que filho de Sumé Demócrito muda o nome do Bairro de uma forma simples que todos diziam vamos lá para o Alto mais que alegre. Ele não escondia de onde pertencia nem muito menos mentia sobre seu bairro isto não geraria tensões.

Como lembra Goffman (1988) “a questão que se coloca não é a da manipulação da tensão da tensão gerada durante os contatos sociais e, sim, da manipulação de informações sobre o seu defeito, exibi-lo ou conta-lo; revê-lo ou esconde-lo; mentir ou não mentir; em cada caso, para quem, como, quando e onde. ”

O Alto mudou muito, muito, a raiz negra no Alto sempre foi muito forte, foi habitado por pessoas negras, ainda existe negros, pois sempre ficam a raiz, um filho, um neto, sempre fica raízes fortes, aqui só era negros, o Alto do Negro era bom demais! As pessoas sempre discriminam, gente branca que existia

mesmo, quando via os brancos todos sassaricados, eles diziam ‘até essa cor dessa nega na cozinha dá certo’, aí foram se acostumando, o tempo foi passando, se acostumando, precisando do negro, hoje em dia somos lá em cima e os brancos todos roubando (risos), veja em Brasília, tudo roubando, veja se você um negro ali, tudo branco feio, setenta, oitenta anos, tudo ladrão, e é dinheiro vem! (D.Pebinha, 96 anos)

A memória pode ser percebida pela questão de um esquecimento como fala Le Goff (1990) para que possamos compreender, a entrevistada narra sobre como sempre foi e é sua raiz, ela deixa claro um aspecto que as lembranças é sua tomada de consciência, e faz uma relação entre a história e memória constatando, em que sua raiz negra descendente de índios que nos estabelece de fato uma relação de reminiscências individuais e coletivas, em que a memória identifica seu processo de maturação e descrição tendo como base os mesmos que discriminavam era os mesmos que davam apoio no âmbito de trabalho e assim sucessivamente.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2003) nos mostra em seu livro memória coletiva que é impossível conceber o problema da recordação e da localização das lembranças quando não se toma como ponto de partida de referência e os contextos sociais reais que servem de baliza. A essa recordação que chamamos de memória. Portanto o Alto Alegre é o nosso contexto e percebemos que a narrativa da entrevistada evidencia uma memória através de algo que lhe foi muito pertinente o seu parentesco, pois recordava tudo que viveu em sua infância desde sua pertença a sua negritude falando também da discriminação de sua vó com seu pai por pertencer a afro-descendentes.

[...] A família de minha mãe veio de sucuru ela conheceu pai lá, minha avó não queria porque meu pai era preto, mas o amor aí ela veio embora moramos no banquinho compramos uma casinha lá no alto até no fim da vida dela que o alto nem esse nome tinha minha mãe resolveu vir pra aqui minha mãe era galega tinha os zoi bem azul; meu pai era bem pretinho. (Judith Mendonça, 88 anos).

A consciência coletiva exerce sobre seus membros uma força que garante uma forte coesão social (DURKHEIM, 2010). Neste caso a narrativa a seguir é um fato que ocorria na cidade Sumé na década de sessenta; setenta e oitenta no cariri paraibano. Fato este em que o município tinha e tem o São Thomé Esporte Clube, E esta mácula era proferida automaticamente aos habitantes do Alto Alegre por ser de um Bairro periférico, daí as generalizações entre os estabelecidos nesta pequena cidade. Esse convívio entre essas pessoas não havia desde a escola até os espaços públicos, o preconceito, os olhares, as formas com os

moradores do Alto no Auge de sua juventude eles não poderiam frequentar tal espaço pois nem a porta ficavam para que não manchasse a honra das donzelas sumeenses.

[...] antigamente a gente do Alto não entrava no clube, esse clube ninguém entrava, não ficava nem na porta por que era negro e as filhas de madrinha Sebinha de Luís de Dú não entrava porque era negra e eles diziam que quem não era moça nem pisava lá elas já vieram entrar depois muito tempo depois porque mudou, minhas filhas não entreva vinha de são Paulo aí natalício era o delegado aqui aí butou elas pra dentro mas queria mas não queria deixar minhas filhas entrar e elas eram morenas[...] (Judith Mendonça, 88 anos).

Por meio desta pesquisa cada narrativa é possível ver um universo e compreendermos a dinâmica social e suas práticas, sua legitimação e identidade a memória muito presente em que lembra do passado, e que vem à tona sua origem que foi fundamental para sua identidade, sua oralidade, foi muito importante para construção e podemos entender a perspectiva tanto quanto a questão negra como suas crenças bem peculiar. E como as mulheres eram tratadas como forma de um objeto sendo valorizadas a parti de uma concepção puramente preconceituosa.

[...]. Minha tia Getúlia que morava na prata foi escrava minha avó era rezadeira e butava ele [...] bala não pegava ele. A vida é um romance graças a Deus que ainda estou me lembrando, mas eu lembro mais passado do que do presente (Carmelita, 93 anos).

Para Halbwachs (2003) confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível.

D.Judith tinha 88 anos, casei tive sete filhos, morreu um a mais velha tenho doze netos, dez bisnetos. Quando fiz essa pesquisa ela já muito debilitada mais com um sorriso largo não mediu esforços para me ajudar, deitada em seu sofá ela me relatava tudo, ela faleceu no dia 02/11/2017 sua filha Sônia Mendonça que também estava presente faleceu, um mês e dois dias depois de sua mãe no dia 04/12/2017.

Na visão de Milton Santos (1998), segue a seguinte compreensão “os verdadeiros agentes do futuro do país encontram-se entre os que estão sendo excluídos da contabilidade da globalização”. Ainda hoje são muitas as formas de preconceitos existentes em relação aos negros, mesmo quando se afirmar que não há preconceito.

[...] a questão das pessoas negras, que o pessoal também tinha esse preconceito, e hoje ainda existe, a partir do momento em que se pensou em igualdade, que se policiou o preconceito, então as pessoas começaram a valorizar o negro, mas não da forma que o negro merecia, que não é merecer, devia ser tratado, ser visto como pessoas, e isso já basta, e não como negro, não é necessário isso, eu acho que é necessário que as pessoas serem tratadas como seres humanos e nada mais [...] (José, 58 anos)

Nesta perspectiva a forma em que os moradores do alto alegre supera a desigualdade social, advindas dos direitos sociais e igualitários, não que fosse uma compensação mais uma forma em que as políticas públicas pudessem fazer seu papel de interação social, através dos programas do governo, sabemos que através da educação podemos transformar as mentalidades discriminatórias, mas em muitos dos problemas já está advindo do seu convívio familiar levando assim a invisibilidade, a inferioridade isto é gerado os processos éticos sem dúvida é um estigma que perpetua até nos dias atuais.

Pesquisadora: Eu tinha uma amiga que se chamava Maria de Pretinha e ela tinha tanto preconceito que dizia “no dia que o Papa for preto é o fim do mundo” (risos da parte do entrevistado).

Entrevistado: Na Igreja Católica não tem Papa preto, eu vi que juízes também não tem. É muito triste ser discriminado por causa de uma cor. Nós que somos moradores de periferia quando entramos no mercadinho já fica olhando diferente (Roberto de Barata, 60 anos).

Desta forma Guimarães (2007) explica ora, ao explicar a inferiorização de alguns povos como decorrência de sua descendência e não a partir de seu local de habitação, ao atribuir tal situação a uma falha de comportamento original e ao instituir a cor como marca da maldição, o cristianismo tornava o status social e moral dos oprimidos muito mais rígido. No entanto, há que se lembrar que muitas outras passagens da Bíblia poderiam e foram utilizadas fartamente pelos cristãos para contrabalançar a “maldição de Cã” e defender e promover a igualdade de todos os homens diante de Deus e da Igreja.

Se nas instituições eles mesmo em um teor de alto grau de preconceito, onde viam os negros como bichos enfadonho animais selvagens, catequisando todos e tudo sobre um perspectiva cristã não se daria um jeito ou forma, para que esse mesma raça não pudesse adentrar a mesma esfera em que os nobres, a inferiorização como fala Guimarães mostra também o lugar de seu habitar ou um mal o negro era acometido, como a marca da destruição e do desperdício não era viável aos olhos dos sumos sacerdotes ter em seu meio uma descendência afro.

4.1 O olhar dos de fora

Ao chegar neste capítulo me deparo com várias realidade que escutei ao longo de minha vida, e hoje tenho a certeza de que entrar no mundo das ciências sociais foi absolutamente maravilhoso, para que eu pudesse estranhar o familiar (VELHO, 1981) mas quero me remeter as narrativas a serem lidas como uma tessitura de Renascença, a cada fala muito minuciosamente, pois não se trata só do passado mais de uma lógica atual, o olhar dos de fora nos é pertinente por conta dos viés, em que cada entrevistado se configura em sua realidade e temos em vista que o Bairro se configura de vários elementos constituinte na esfera municipal. Que a mesma sociedade em que discriminam precisa também do Bairro como exemplo o fórum situado na Vicente Preto, O cemitério, Igrejas, posto de saúde, da mesma forma em que serve aos moradores do Bairro, também serve aos de fora, a fala da entrevistada nos remeter o ato em que a escola se configura, para muitos em uma área vermelha, mas é viável estabelecer uma escola no mesmo Bairro em que a criança mora é uma lei.

Professora Carvalho, sou professora na rede municipal de Sumé, a vinte seis anos, leciono nesse município. O Bairro Alto Alegre é um dos Bairros onde a escola inclusive está situado, nele e eu vejo ele não de forma diferente dos outros Bairros da cidade, é um Bairro que está inserido no nosso Bairro nosso município, a maioria das crianças que estudam no terceiro ano, são de famílias que moram no Alto Alegre e não vejo estas famílias diferentes umas das outras. São famílias que tem problemas como as outras, como as outras do mesmo outro dos Bairros do centro também. não desmerecendo porque eu o Bairro Alto Alegre, mistificam dizendo há porque mora no Alto tem isso tem esse mito, isso tem que ser desconstruído nas mentes das pessoas, a gente tem que ver que são essas humanas que tem valores, são pessoas que trabalham, são pessoas serias, são famílias que tem problemas, como em toda sociedade tem, então não vejo de modo diferente não, vejo que são pessoas como nós, não porque mora no centro, diferenciar não podemos, diferenciar porque moram no Alto, somos iguais no seu modo de ser, pensar, viver e agir.(Carvalho 47 anos).

A forma como a professora Carvalho, nos fala sobre o olhar ao Alto Alegre, nos é um pouco assistencialista, pela forma em que trata as palavras, em uma forma de igualdade por mais que sua estética não nos passe isso, mais como envolvida pelo seu trabalho, pela surpresa em que se assemelham a forma de pensar, sobre o alto, sabemos em que maioria das crianças são carentes de afetos e requerem muita atenção, o que isso se consolida na pessoa da professora. Ainda ressalta, as dinâmicas sociais se encontram na escola, podem ser uma estigmatização ou não, porque se abre possibilidades do real da violência em seu cotidiano.

Goffman, fala que existe vários tipos de pessoas como “informada” que se relaciona com o estigmatizado e que se caracteriza por ser “[...] aquela cuja informação vem do trabalho num lugar que cuida não só das necessidade daqueles que tem um estigma particular quanto das ações empreendidas pela sociedade em relação a eles” (2008, p.38). Desta concepção a professora em seu ambiente de trabalho, tem uma relação com a população estigmatizada, que sobre falácia da sociedade faz circular boatos, conversar destorcidas, mas não se deixar levar pelo lado do senso comum, porque ela conhece a fundo o histórico de cada aluno, membro da escola, como também os conflitos, em que eles vivem em suas famílias, isto torna uma possibilidade em que através da educação, de valorização do outro, a coragem por ela em que ela tem convicções sobre cada atitude, que possam desmistificar essa discriminação com os moradores do Bairro.

Figura 04 – Fachada da Escola Municipal do Bairro Alto Alegre



Fonte: Cedida da Prefeitura Municipal de Sumé

A parti de como fomos inseridos no contexto escolar, diversas são as formas de estigmas com a escola e seu entorno pelos próprios moradores do Bairro isso nos faz pensarmos se somos capazes de sermos educadores com tantos preconceitos e pré noções advindas de criação sistematizada por um sistema violado.

4.2 Lugares de enfrentamento dos estigmas e promotores da alegria do Alto

Durante todo o período da história na nossa vivência trabalhando, nós já vimos muito preconceito, pela sua cor, raça, e etnia, mas isso hoje tem se desmitificado na sociedade nós. temos trabalhado isso em sala de aula, com

as nossas crianças é tanto que valorizamos muito essa parte do respeito, com nossas crianças, que elas não vejam isso como preconceito, isso parte de nós mesmo, nós que somos educadores que somos instrumentos capazes de mudar essa realidade, que é muito triste uma criança preconceituosa, isso ela já traz de casa, aí ela passa para sociedade, nós temos o poder de transformar esse pensamento dessas crianças, nós temos o poder de transformar esse pensamento, enquanto outros reproduzem o preconceito, porque a pessoa é gordo, magro, porque é branca, porque é preta, porque mora no Alto ou no centro, somos parte de um todo, então nós estamos inserido no município, e faz parte dessa sociedade, nós temos que valorizar, darmos valores seja ela a criança, Negra, branca, preta, rica, pobre, todos somos iguais.(Carvalho,44 anos)

A figura da Escola Maria Leite Rafael, me traz uma grande lembrança, pois nesta Escola cursei todo meu primário, advinda da Escola Presidente Vargas, que fechou por conta dos recursos do governo que não chegava. o então prefeito Francisco Duarte da Silva Neto na época achou por bem fazer esta Escola lhe dando o nome de uma senhora da sociedade, mas que sustentava seus filhos engomando roupa, mas que deveria ter colocado o nome de alguém do Alto Alegre onde ela é localizada, mas Fazendo um reflexão sobre a narrativa, vemos em que seu ambiente de trabalho é cheio de moradores considerados da área de risco que se faz uma explanação sobre o trabalho desenvolvido em sala de aula sobre a questão do estigma, como também a valorização do outro, como um todo isto nos é essencial, para que possamos discutir sobre uma política pública mais igualitária, clara sobre a questões sociais, como caracterizar toda necessidade, está Escola anos atrás vinha perdendo seus alunos, para uma outra, entre o centro e o Bairro Alto do Jorge.

Os próprios moradores estavam matriculando seus filhos lá, por conta que seus filhos, lá tinha uma diretora mão de ferro, era assim que elas queria, foi muita luta para que essas pessoas dos outros Bairros viesse pra essa escola, por conta da discriminação estudar com filhos de dono de boca, e tantos outros ,pra eles era aliás é muito, mas que agora a Escola faz um papel importante, juntado todos os agregados e fazendo repensar em suas ações ao coletivo, negro, branco, pobre, o rico, gordo, o magro, e tudo o que lhe convém, fazer sensibilizar para com a sociedade, toda o reconhecimento de forma homogenia, é tornar cada vez mais um estigma, sobre essa população, o importante é contribuir com ações que possam construir um elo entre moradores do Alto Alegre com sociedade. Sumeense se esforçar, para não estigmatizar, principalmente nossas crianças, que estão em fase de reconhecimento de identidade.

Uma vez que tanto o estigmatizado quanto nós, os normais, nos introduzimos nas situações sociais mistas, é compreensível que nem todas as coisas caminhem suavemente. Provavelmente tentaremos proceder como se, de fato, esse indivíduo correspondesse

inteiramente a um dos tipos de pessoas que nos são naturalmente acessíveis em tal situação, quer isso signifique tratá-lo como se ele fosse alguém melhor do que achamos que seja, ou alguém pior do que achamos que ele provavelmente é (GOFFMAN,1988, p.19).

Segundo Goffman (1988). No estudo sociológico das pessoas estigmatizadas, o interesse está geralmente voltado para o tipo de vida coletiva, quando esta existe, que levam aqueles que pertencem a uma categoria particular (p. 20).

Meu nome é José, sou professor, eu sou um observador de minha cidade, na verdade, eu observei desde criança, que eu costumo observar, o que se passa sempre na minha frente, e os fatos que acontecem, e as consequências desses fatos, eu costumo observar, sou de certa forma um sonhador, porque quem é sonhador pensa muito, quem pensa muito, observar também muito. É a história que eu vivi, não a que me contaram, até porque algumas histórias que me contaram são realidades diferentes do que as pessoas as vezes contam, questionam até determinados historiadores, com todo respeito a determinados historiadores que contam história de acordo com o que lhe convém.(José,58 anos).

Essa primeira fala do entrevistado nos é um jeito mais observador do que os anos lhe traz sobre cada particularidade da sua cidade Sumé no cariri paraibano, como em torno do Alto Alegre, onde a seguir o mesmo irá nos falar várias fases que viveu e vive o Alto Alegre, a questão problema de toda a minha pesquisa. Do que é bom nos recordamos o que falava Maurice Halbwachs (2003) que a lembrança é um reconhecimento e reconstrução. São reconhecimento, na medida em que porta o sentimento do já visto.

[...] Sobre o Alto Alegre eu tenho um ponto de vista em relação a existência do Alto Alegre desde o momento que eu comecei a pensar, e eu vejo que existe fases do Alto Alegre dentro da história de Sumé, essas fases diz respeito a integração da parte de baixo (centro) com Alto Alegre, e as vezes um momento de afastamento, entendo o seguinte, a princípio o Alto Alegre era Sumé, é tanto que tantas pessoas mais antigas eram tidas pessoas que viviam aqui com o Juiz, com o Prefeito, era um grupo só, a gente via isso[...] (José, 58 anos)

A difícil tarefa de como envolver essas três fases é normalmente mais essencial para nossa pesquisa, caracterizando toda as dimensões, me considerando que o exercício de pensar é uma capacidade, mas ao mesmo tempo pode ser fragmentada, como diz (Halbwachs, 2003). Essa fala nos leva a pensar como as relações sociais podem ter convergência em pequeno município. e como compreender esse pensamento, As necessidades e relações em seus espaços que muitos fatores ao longo dos anos foram fazendo contraste para as condições de cada

indivíduo estabelecido no seu lugar, fazer esta junção entre os moradores do Alto nos anos afins foi realmente muito pertinente e importante, para todos que viveram esse período tendo em vista que um dos prefeitos eleito já (in memorim) o senhor Leonardo Guilherme, me relatou ,ganhei as eleições, com os votos dos meus amigos negros do Alto ,não com as pessoas do centro, essa relação em que os estigmatizado se encontrava a sociabilidade dava oportunidades de trabalho a partir desses intermediários essa reflexão contribui, para o conhecimento da história de nosso Bairro e também no processo de identidade dos negros de nossa cidade.

[...] E depois essas pessoas se foram e a outra geração ficou reservada, quando aconteceu a questão do cabaré, dos forrós de onde o pessoal iam daqui pra lá, os casados, então aquela parte de lá começou a ser contestada pelo pessoal daqui da sociedade alta que morava na baixa, na parte baixa da cidade, e eu percebia inclusive, eu vendia picolé e passava por todos esses lugares, no cabaré, no Cara Preta que era aqui em Deda, eu vinha na terça-feira ali vender picolé porque restava mulheres da vida que ficava da segunda-feira pra terça-feira, na segunda-feira era movimentada, eu vendia picolé também, o que eu percebia que quando essas mulheres via algum homem lá e quando essas mulheres chegavam lá em baixo, na rua do centro por ali, eles não olhavam pra elas e nem conversava com elas, e elas tinham também o cuidado, e era interessante isso, elas tinham o cuidado de não descer porque se descia era taxada, quase que apedrejada, porque não se apedreja só com pedras, mas com olhares, com a língua, tudo isso acontecia, então os homens não tinha isso, é tanto que as vezes elas reclamavam de homens que eu via aqui e via lá, então ficou essa parte separada[...] (José, 58 anos)

A questão da parte separada que o entrevistado fala, é conhecida como a zona boêmia do alto alegre, pois sobre os cuidados de um casal, como já relatado em alguns das entrevistas acima, percebemos que a dialética entre ambos é uma tentativa de sobrepor todos os elementos de um estigma, o então casal que se chamava, Ana Pateca e Zé Pateca, os dois (in memorim) eram muito unidos até a chegada de uma mulher, onde os mesmos o trocou ficaram separados. Ela não conseguiu fazer o mesmo, para obter uma grande clientela e ficou só com a parte dos forrós, houve muitas histórias a ser relatadas mais o que se evidencia é como a sociedade os tratava.

Sebastião Vitorino (2017, p.66-70) muitas pessoas principalmente as mulheres casadas discriminavam estas guerreiras do sexo como se estivesse contaminada por uma doença contagiosa, negando-lhe uma mínima conversa. Desta posição privilegiada observa-se todos os movimentos, inclusive os cidadãos muito bem casados, que não perdiam a missa dos domingos

acompanhado de toda família, mas também não falhavam no cabaré. Com toda essa fala do entrevistado. Quanto a do auto do livro sumeense por sinal que compreendia toda ação em que a sociedade menosprezar. Toda e qualquer ação advinda destas criaturas que viviam a mercê da sorte. Por qualquer motivo que fosse mas ao final deste relato o auto do livro a saga do açude de Sumé fala sobre um fato que ocorreu na Cidade que comoveu a morte de uma delas brutalmente assinada, após essa trégua abaixaram a bandeira do preconceito e ergueram a bandeira da solidariedade feminina, este relato que foi o maior ato de solidariedade feminino que presenciou na vida dele.

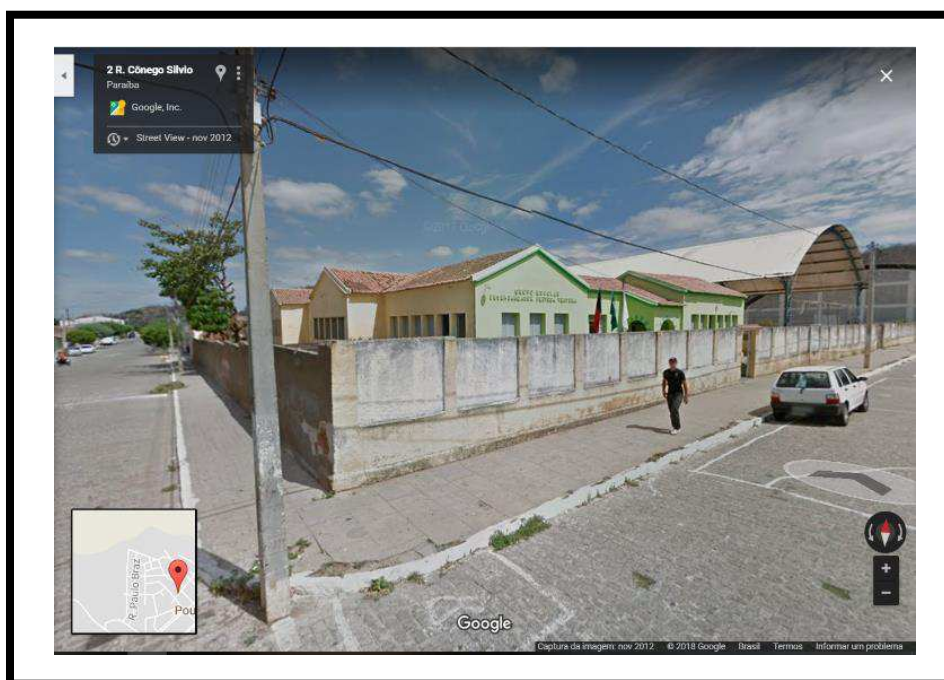
Pautando todos esses elementos, para Goffman isto são identidades deterioradas, por uma ação social, que representam algo mau, dentro da sociedade e, por isso deve ser evitado e ainda por meio da sociedade consegue estabelecer os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias (1975, p.12)

[...] E essa questão do cabaré fez com que o resto da sociedade ficasse carimbada como sendo pessoas que não mereciam respeito, que na verdade a própria prostituta merece respeito, mas aí essas pessoas eram carimbadas, e crianças e tudo, morava no Alto Alegre então era discriminada, havia discriminação e ninguém pode dizer que não havia porque havia[...] (José, 58 anos)

Em relação a esse contexto histórico do nosso Bairro, pode-se dizer que a compreensão das pessoas da sociedade com o Alto Alegre, não mudou muito dos dias atuais tomando formas sutilmente diferente fazendo relevâncias a vários pontos, como o cabaré que não existe mais da mesma forma, a prostituta sabemos que em pleno século XXI não temos mais, aqui pejorativamente com esta predominância, mais existe pessoas que fazem seus programas, pois cada um sabe onde o sapato aperta, e suas condições de vida, pois vejo uma sociedade que faz muita coesão social com seus indivíduos, quando fala na questão da criança ser carimbada por ser do Alto com certeza isso existe, e muito não confia neles de forma alguma. Isto faz com que as crianças fiquem estigmatizadas. Com Pré noções do preconceito e isso vem passando de gerações ao longo de sua historicidade. Segundo Goffman (1986) a sociedade é responsável por estabelecer os meios de categorizar as pessoas e os atributos tidos como naturais para os membros de cada uma dessas categorias e o estigma é estabelecido a partir desta lógica social, onde são dadas identidades virtuais as pessoas não previstas nessas categorias, as quais são tidas como estranhas.

[...]Quando eu estudava no Desembargador e via grande parte do Alto Alegre e lá dentro da própria escola nós sentíamos a discriminação, era o grupo da gente que morava aqui e o grupo de lá, eu não via se misturar, eu via que existia um grupo e quase a gente não tinha a mesma amizade, e não conseguíamos até por conta da própria convivência dos demais aqui nós não conseguíamos ter a relação direta com aquelas pessoas, não havia briga das crianças, até porque não existia relação, lá na própria sala de aula a gente via aquele menino que também tinha esse lado, ia mais sujinho, que não tomava banho pra ir pra escola, tinha aquele que tomava banho, tinha aquele que tomava ‘banho de gato’⁵[...] (JOSÉ, 58 anos).

Figura 05 – Escola Desembargador Feitosa Ventura



Fonte: Google Street View

Os estereótipos feitos a estas crianças desse tempo faz um lacuna, pois desde seu livros e professores sempre sofreram discriminação com os livros, a forma do tratamento dos professores, com estas crianças pobres e seus direitos negados de se relacionar com outras crianças, não poderiam isto eram um problema sério, em toda Escola Pensarmos as desigualdades sociais, em uma conjuntura de várias forma de enfrentamento entre eles estavam, aquilo que lhe era de direito a educação, do outro a discriminação, sabemos que os espaços

⁵ O termo ‘banho de gato’ se refere a um banho onde o indivíduo lava apenas os pés e a cabeça.

escolares são um lugar de transformações de abrimos nossas mentes para aquilo que lhe é obvio. mas as grandes práticas estão andando lado a lado com estas instituições tornando assim reprodutora de preconceito, As escolas públicas em que em sua grande maioria suportam uma vasta gama de funcionários, como professores diretores na rede antiga hoje são compostos por gestores psicopedagogo, professores, estudante e os pais, e toda comunidade mas fazem um discurso meramente hipócrita, somos observadores do egoísmo social de uma evasão escolar de conselhos escolares ,não frutíferos, o que nos causa um sentimento de incapacidade com aqueles menos favorecido, com isto os mais criticados pela desistência pelo seu fracasso é em sua grande massa é os pobres, pretos, negros do Alto Alegre, pois a cada instante fica ainda mais difícil sem um boa política pública, para colaborar com estratégias que possam torna-los diferente e eficaz. Uma vez que no processo de mudanças e hábitos, a luta da classe negra tornou-se obrigatória com instituição da lei 10.639/2003 é um grande marco na sociedade e na educação, pois através dessa lei falar sobre o racismo a desvalorização do negro tornou-se uma questão de superação, por tudo vivido durante estes quinhentos anos. As Escolas têm por obrigatoriedade de colocar temática que envolvam o alunado permeando seus valores, mas que para isso aconteça é preciso que os professores engajem no processo cultura e valorização sobres os mesmos.

[...]e ao meu ver Sumé é um todo, agora com suas peculiaridades com relação o que chamamos de Vilinha, e essa Vilinha por conta de tudo que aconteceu em relação as drogas que a gente não sabe por onde tá, onde surge, então essa Vilinha, novamente Sumé começou a carimbar o Alto Alegre como sendo lugar perigoso, lugar das drogas, que eu não entendo por aí, a gente pode cercar desde onde era o cabaré, na Rua Boa Ventura Brás por ali, tem muita gente que vive porque mora, lá é o lugar onde consegue morar, mas que nós pudemos separar? Não. (José,58 anos)

Figura 06 – Vila Zé Dário/Alto Alegre

Fonte: Google Street View

A noção em que os moradores da vila zé Dário tem de pertencimento ao lugar, em que eles vivem é compactuada pela raiva ,vergonha e talvez pelo orgulho de ser deste Bairro onde suas peculiaridades são bem distintas da sociedade, onde sempre é objeto fragmentado da mídia, pois os medos quando vão arrumar um emprego é grande de falar que é morador deste lugar, os relatos as injustiças os contextos sobre a discriminação é vividos em todos os espaços públicos sendo apontados, Aqui se encontra toda a questão problema em termos de preconceito sobre as drogas no Alto Alegre, mas nos anos anteriores a esta vila também tinha o mesmo preconceito que era sobre os negros e suas índoles na posição feminina, a fala de todas as pessoas da cidade de Sumé no cariri paraibano, pois esta foto acima é a famosa rua José Queiroz De Freitas, vulgo (vila Zé Dário).

No tempo em que ela foi construída pela prefeitura municipal de Sumé através do governo do então prefeito Dr.Netto, seu propósito era das casas para as pessoas menos favorecidas que não tinha emprego, nem como comprar, nos anos anteriores desse governo não existia ainda, comprar ou fazer empréstimos bancários com muita facilidade do que hoje existe. então foi comprado, este terreno e os funcionários da prefeitura construíram tornando avida dos mais necessitados, melhor isso foi um política pública ao meu ver, este era o conhecimento da realidade que ele tinha mais que não pensou a complexidade que depois isso se tornaria, falo pelo fragmento em que sus primeiros moradores não tinha vícios conseguiram emprego foram mudando, e foram chegando outras pessoas, juntamente com outras daqui se boca de fumo, lugar este que vende drogas, sim não podemos esconder que existe a presença dos órgãos

públicos, com certeza sim e e os moradores deixam entrar sem nenhum entrave. Mas que os próprios moradores não se ajudam, tornando assim o seu ambiente alvo de desprezo pela sociedade.

[...]em relação ao preconceito racial, ainda existe, tem pessoas próximas de mim, não familiar que eu sinto isso e acho um desastre, uma falta de respeito, eu acho muito triste isso e entendo também que todos os recantos de nossa cidade não, de todo o Brasil, do mundo, deve ser aberto para todas as pessoas, porque eu não sei explicar direito eu só sei que todos são iguais, não existe diferença de cor, a diferença da pessoa está no caráter, a diferença está na forma que ela se apresenta em relação as outras [...] (José, 58 anos).

Os estigmas construídos por crescer em ambientes desfavoráveis, a sua identificação e sociabilização compromete muito ao processo do indivíduos, isto se dá a partir de processos históricos em que a cor da pele sempre indica a condição ao qual pertence, considero que a cada forma de estigmatização é como compreendemos as relações hierarquizadas, não podemos aceitar agressividades, defender todas esta pessoas que passaram por este processo, pode ser uma tarefa difícil e ao mesmo tempo fácil muitos não conseguiram ver que era estigmatizados, achavam sempre todos muito bondosos mais hoje a população do Alto Alegre sim reconhece que somos discriminados por tal feitos na população, por todo espaço de problemas enfrentado vejo na fala do entrevistado um pouco de revolta por ter sido desse tempo em que o menos prezo na face da população era visto, e que também vejo, o quanto foi o processo de aprendizagem para que sua formação fosse acompanhando todo esse desfecho de estigma e que não podemos questionar nem sexo, religião, nem cor de pele e olharmos para as pessoas como ser humanos, que somos os conflitos entre negros, pobres e do Alto Alegre, sempre vão existir mais se não lutarmos para o melhor. Para que as classes vejam nosso querido Alto Alegre sobre outros olhares que somos apenas vítimas de um sistema falho que vem a tanto tempo reproduzindo estes estigmas, Bairro periféricos, sejam aqui como em qualquer outra cidade sempre haverá tal exclusão com seus moradores.

[...] então eu não posso questionar cor, eu não posso questionar credo religioso, hoje sou bem maduro, eu não questiono se quer a opção política nem sexual, questão de seres humanos, o que ele faz, o que deixa de fazer, o que faz de correto, a sociedade com ele mesmo, se ele faz com a sociedade ele ta fazendo com ele mesmo, esse é o grande engano das pessoas achar que ta fazendo com alguém, mas esse alguém que mora com ele vive com ele, Sumé a gente mora junto, nós moramos no planeta Terra, tudo que se faz de bem eu tô fazendo pra mim e o que faz de ruim é pra mim também. (José, 58 anos).

Segundo Velho (1981) o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. Ao término dessa entrevista, ele bem representa sua fala como todo e bom educador que ele representa que se a partir de nós, mesmo estejam preparados, para enfrentar as adversidades da vida, pois muito o criticam por sermos de tal religião ou credo, temos que ver a cada ser humano, que passa por tal constrangimento de ser estigmatizados, ou não fazermos parti de um todo, sendo massa de manobras nas mãos das pessoas em que se acham certos, ou que o sistema lhe enquadre, esse poder pode ser através de todos os mais necessitados e de preferência dos Bairros periféricos.

O Alemão: conheci o Alto Alegre no ano de 2010 quando fui a primeira vez através de um projeto chamado Educara, que era uma escolinha para ensinar alemão e inglês para os alunos, aqui da cidade e também tinha um espaço de computadores e uma biblioteca para o povo acessar, hoje em dia já não é mais preciso por isso esse projeto fechou, cheguei aqui em Sumé, morei um ano, claro que morei numa família com Maria de Fátima lá de Zé Henrique e ela tem um filho que é Jeferson e ele me ensinou tudo bem direitinho aqui, ele me mostrou tudo, o Alto Alegre, o lixão, o rio passando, o esgoto, todas essas coisas que fazem parte da vida diária das pessoas ai pronto ai eu conheci as coisas as pessoas, sempre fiquei gostando aí isso como eu fiz também muitas amizade saí vinha toda da casa de Dona Fátima que é no outro lado que é o outro bairro lá perto do mercado, pode ser que é nobre (uma concordância com a pesquisadora) pra casa de Flávia, um bairro mais simples, mas as pessoas que moram aqui também são simples, quase todos tem um coração muito grande, sempre gostei.

Em decorrências das relações entre várias pessoa e até mesmo outros países como o do alemão Jannicks Viets morador da cidade Stande(Niedersachsen) Alemanha. algo se pode pensar o que ela queria com esta entrevista e digo quero informar aos senhores do mundo inteiro que o nosso querido Bairro Alto Alegre discriminado, marginalizado, criticado visto e não visto pela querida sociedade sumeense se ver através dos olhos de outro pais como o entrevistado Jannicks Viets que muito colaboram com a ação do projeto educara através de algumas pessoas da nossa cidade que através do mesmo preconceito também consegui reconhecer que o bairro precisava de algo que fosse interessante pra eles ,como bem elencou famílias carentes que teriam aceso a computadores biblioteca, uma escolinha que também ensinasse inglês e alemão como era pertinente tudo isto advindo de um país que tem tinha um legado sobre seus inúmeros preconceitos laçavam mão de um jovem para fazer república entre os mais carente com isso o que Sumé e o Bairro lhe proporcionou com um encontro do destino

a alegria de ser casado hoje com um menina do Bairro periférico e discriminado o que ele não tem nenhum tipo de discriminação.

Segundo Simmel (2006, pág. 65) a sociabilidade se poupa dos atritos por meio de uma relação meramente formal com ela. Todavia quanto mais perfeita for como sociabilidade, mais ela adquire da realidade.

Pesquisadora: O que você achou quando Jeferson lhe mostrou o bairro Alto Alegre? Qual foi seu impacto ou não houve? Você vindo de outro país, de outra realidade econômica e outra educação.

Entrevistador: Achei muito interessante, porque as casas, as ruas e tudo é bem diferente do que a cidade onde eu morava naquele tempo, aí muito colorido, que as casas aqui cada casa tem uma cor e eu aprendi depois que é também que é por ideia política, se a pessoa gosta mais do PT é vermelho e tal, mas achei muito interessante, claro que quando a pessoa vem da Alemanha também acha um pouco desmantelado (risos), a base de gambiarra (risos), outra coisa que era nova pra mim é que toda janela tinha uma grade e a porta tinha um cadeado, que na Alemanha quase não tem crime, e é tudo aberto, jardim sem cerca, tem a janela é só de vidro, aí é bem diferente, mas hoje em dia como eu cheguei é quase normal.

Segundo Simmel, (2006, p.77) o fato de que o indivíduo tem que se adequar a um contexto comum e viver para ele, mas também que os valores e aspectos relevantes devem refluir para o indivíduo justamente a partir desse contexto o fato de que a vida do indivíduo seja um desvio com relação aos fins conjunto, mas que a vida do conjunto, por sua vez, também seja um desvio para os fins do indivíduo.

Deste modo a realidade lhe era muito peculiar pois mostrava uma arquitetura diferente de sua realidade e ainda mais que lhes era pertinente um partido, a visão como de Jannicks Viets 28 anos. com todo turista se dar com a realidade Brasileira que nos é muito precária, não só a partir de um arquitetura mais sim, somos defasados no ambiente escolar, na saúde na esfera política, A falta também de segurança lhe espantava pois o mesmo vindo de um país com uma classe econômica bem diferente de nossa realidade, logo o estranhamento lhe seria pertinente mas não, O que de fato lhe chamava atenção, são forma de convivência em nosso ambiente e não existe várias formas de proteção em residências, mas ao longo de suas idas e vindas essa realidade já é tudo normal, a qual ele foi se adequando a forma de viver e valorizar tudo que é nosso, sua socialização com o moradores do Bairro é muito interessante e alegre hoje de forma dinâmica e mística de uma relação sociável .

Pesquisadora: Quando Dona Fátima falava “não vá lá não que é um bairro muito perigoso”, em off como você tava me dizendo.

Entrevistado: Ela estava preocupada pra eu não ser roubado, porque dá pra ver que eu não sou daqui, aí mas nunca fui roubado Graças a Deus, nunca passei nenhuma situação estranha com pessoas daqui, sempre foi muito tranquilo,

Pesquisadora: Quanto a questão alemã de Hitler com os negros, que não é muito bem aceito, mas o bairro Alto Alegre é constituído por uma grande maioria de pessoas negras. Quanto a questão da cor, você tem estigma com eles ou eles de você?

Entrevistado: Pra mim, uma cor de uma pessoa não é importante, eu por exemplo vejo mais as pessoas e aqui eu vejo muito o pessoal tirando onda mas no sentido engraçado não é pra prejudicar aquela pessoa, por exemplo minha esposa Flávia é chamada pela família de ‘nega preta’ só pra mexer com ela, de forma não malvada, de forma pra brincar, pra mim como também sou de uma geração já da Alemanha bem depois da guerra, eu só estudei esse assunto na escola, mas nunca fez parte da minha vida, por isso minha cabeça não tem nada assim, minha cabeça é igual a de vocês, e na Alemanha tem muita gente com a pele escura, sendo naturalizado, visitante, o turista, mas o Alto Alegre é o bairro negro, eu mesmo não ligo não, Flávia também num é muito branca não (risos) eu mesmo acho bonito, se um filho da gente nascer chocolate é bonito demais (expressão de felicidade), igual chocolate. As pessoas na rua me perguntam “Vocês ficam aonde?” Aí eu digo “No Alto Alegre”, as pessoas riem quando eu falo.

Segundo Guimarães (2007, p.04-05) O preconceito de cor ou de raça tem geralmente como alvo o “negro”, o “preto”, o “amarelo”, o “pardo” ou o “vermelho” (pele vermelha), dificilmente o “branco”. Por quê? Alguns responderiam que a dualidade primaria é branco/preto, claro/escuro, dia/noite; que em toda parte, em todos os tempos, o branco sempre simbolizou as virtudes e o bem, enquanto o negro significou o seu contrário - o sinistro, o mal, os defeitos. E daí brota uma primeira fonte de sentimento negativo, ou preconceito, pois no simbolismo das cores, no Ocidente cristão, o negro significava a derrota, a morte, o pecado, enquanto o branco significava o sucesso, a pureza e a sabedoria. Bastide (1996.pág, 39)

Como trata o entrevistado em que nenhum momento tem preconceito por cor preta ou outra que ele bem frisa isto não é importante para ele, nunca teve nenhum preconceito com alguém advindo de um país em que tinha muito preconceito isto bem retratou na forma mais sublime, mas como Guimarães fala tem um alvo que é o preto mais nunca o branco Bastide em sua fala nos remete a um sentimento em que todos tem quando falo sobre a espécie do negro o mal o invertido as coisas vãs e outras a pra realidade da nobreza tudo o que lhe é agradável nesta realidade em que as sociedade de tal modo da importância a cor da pele e não ao ser humano os valores ficam sim invertidos pois não pensamos no coletivo e sim em nós somos etnocêntrico. O nosso papel é de sempre desconstruir esses estereótipos de modo geral e bem específico, podendo valorizar a cada passo a importância de uma consciência cultural dos nossos descendentes, em um país como o Brasil onde há uma grande diversidade de raças, a

negra é uma das que engloba um maior número de pessoas, e mesmo assim essas pessoas negras passam por preconceito diariamente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução de sobrepor vários fatores de elementos como a memória em Bosi (1994) configura o propósito de que as lembranças nos coloca também em um processo de estigmatização de resistência ao que são estigmatizados como a teoria de Goffman que busca mostrar as pessoas que não estão ao padrão mas que precisa atender as normas da sociedade, precisamos entender que o estigma não vem de agora nem do nada há fatores relevantes para isso, entre nós moradores do Bairro ou da cidade que de forma a apresenta ações entre os indivíduos estigmatizados Reconhecer e sermos conhecido o fato é que mesmo assim é impreterivelmente uma forma de diferenças em um bairro com todas as peculiaridades não é tarefa fácil exige um metodologia que possa mostra não somente os negros os pobres e os periféricos mais sim tudo que ali engloba desde os serviços essenciais até mesmo os mais distante. As memórias de cada integrante elencada, mostra para nós forma artísticas em meio um leque de lembranças que através da etnografia podemos evidenciar olhar para aquilo que está próximo ou se aproxima, e ao mesmo tempo possamos falar sobre a discriminação no bairro e seus moradores.

O que se tornou um grande desafio durante séculos é sabermos que a forma de compreensão para pensar e refletirmos a cada processo em discussão com o racismo e estigmas o que nos leva a contribuirmos de alguma forma com todos os nossos conhecimentos suscitar a cada entrevista um saber, uma lembrança é tornar em meio aos estigmatizados uma rede de significação e ser protagonizadores dessas lembranças.

A tentativa de fundamentar essas percepções foi a observação etnográfica e participação no bairro o reconhecimento de valorização do alto alegre e permite que os habitantes mantenha o contato e valorização de sua identidade de forma bem peculiar essa caracterização visa combater as dinâmicas de sobrepor e não deixar de desaminar pela legitimação do estigma sendo caracterizada de todos em que ali reside de forma categórica as manifestações culturalmente também precisar ser mais explanadas e valorizadas para que eles possam transmitir uma imagem boa a todas comunidade e também contribui de forma homogenia tendo aquilo que lhe é negado pois ao contrário eles detém várias característica e forma de avaliar e reinventar suas raízes e suas significações.

REFERÊNCIAS

- Antropologia cultural*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 355-357, jul./dez. 2004. **BOAS, Franz. Antropologia cultural**. Org. Celso Castro.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaios sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo-SP: Martins Fontes, 1999.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1994.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo-SP: Contexto, 2011.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette. Mito e memória na construção de uma identidade local. **Organon** – Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 21, n. 42, 2007.
- D'AMORIM, Eduardo. **África, essa mãe quase desconhecida**. Recife-PE: Liber Gráfica e Editora, 1996.
- DEL PRIARE, Mary. VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais**: uma introdução à História da África Atlântica. Rio de Janeiro-RJ: Elsevier, 2004.
- FERREIRA, Rafael de Farias. **Projeto pacto novo cariri, uma geografia acerca das mulheres rendeiras no cariri paraibano**. Especialização (Monografia). Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, 2010.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1980.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 2008.
- _____. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro-RJ: LTC, 1988.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.. **Preconceito racial**: modos, temas e tempos. São Paulo-SP: Cortez, 2007.
- GUSMÃO, N.M.M.. **Os Filhos da África em Portugal**. Belo Horizonte-MG: Ed. Autêntica, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994. Apud 2006.
- _____. **A memória coletiva**. São Paulo-SP: Centouro, 2003.
- HALL, Gwendolyn Midlo. **Escravidão e Etnias africanas nas américas**: restaurando os elos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2017. <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9080>

- JOUTARD, Philippe. Desafios à história oral do século XXI. In.: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria, ALBERTI, Verena. **História oral: desafios para o século XXI**. Editora Fiocruz, 2000.
- LAPNANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1989.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas –SP: Editora da UNICAMP, 1990.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaço & trajetos. **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203.
- MALINOWSKI, Bronislaw K.. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné-Melanésia. São Paulo-SP: Abril Cultural, 1978.
- MELO FILHO, Edilson Targino. Relações teórico-conceituais entre identidade e memória na perspectiva da Ciência da Informação. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v.1, n.2, p. 116-130, jul./dez. 2016.
- NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História**. São Paulo, nº 10, 1993.
- POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p. 200-212, vol. 5, n. 10, 1992.
- RAFAEL, Rita Albino. **Uma chuva de memórias**. João Pessoa-PB: Editora, 2007.
- RATES, Bruno Batista. As leituras alemãs da filosofia bergsoniana: transcendentalismo e Lebensphilosophie. **Doispontos**., Curitiba, São Carlos, volume 14, número 2, p. 185-197, dezembro de 2017.
- SANTOS, M. Nação ativa, nação passiva. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 21 nov. 1998. Caderno Mais, p. 3.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. **O Antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico na pesquisa antropológica sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo-SP: EDUSP, 2006.
- SIMMEL, George. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2006.
- SIQUEIRA, Ranyella de. CARDOSO, Hélio. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. **Imagonautas**, 2 (1), pp. 92-113, 2011.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, E. de O. (org). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro-RJ: Jorge Zahar, 1994. pp.97-113.
- VITORINO FILHO, Sebastião. **A Saga da construção do açude de Sumé e outras História correlatas**. João Pessoa-PB: Mídia Gráfica e Editora, 2017.